

Lições de Pré – História Peninsular

Ana M. S. Bettencourt



Universidade do Minho – 2008

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAP. I

1. Perodizações e taxonomias: seu valor e limites.
2. O conhecimento em Pré-História e Proto-História: a importância dos dados, da interpretação e da ferramenta teórica.
3. Alguns conceitos e premissas importantes na compreensão da Pré-História.

CAP. II

1. O Neolítico Médio/Final (entre o V e os finais do IV milénios AC): formas de percepção e de exploração do meio e adoção paulatina e assimétrica da pastorícia e da agricultura.
 - 1.1. Diferentes contextos e espaços: o Noroeste.
 - 1.2. Diferentes contextos e espaços: o Sudoeste.
2. A construção de cenografias monumentais: tipos, distribuição geográfica, cronologias, contextos regionais e interpretações.
 - 2.1. Os monumentos “sepulcrais”.
 - 2.1.1. Particularidades regionais: o Sudoeste e a Estremadura.
 - 2.1.2. Particularidades regionais. o Noroeste.
 - 2.2. A inserção das diferentes cenografias sepulcrais peninsulares nas principais problemáticas europeias: propósitos sociais e relação com os meios de subsistência.
 - 2.3. Os menires.
 - 2.4. Os recintos de menires.
 - 2.5. Os primeiros recintos de fossos.

CAP. III

1. O Calcolítico Peninsular (entre os finais do IV e a segunda metade do III milénios AC): a construção de novas paisagens e lugares.
 - 1.1. Os primórdios da consolidação das práticas agro-pastoris.
 - 1.2. O aparecimento e o papel social da metalurgia do cobre.
 - 1.3. Lugares de enterramentos e práticas funerárias: diferentes contextos e sentidos.
 - 1.3.1. O Sul.
 - 1.3.2. O Noroeste.
 - 1.3.3. A Meseta Norte.
 - 1.4. Os recintos monumentais murados e de fossos: características e propósitos sociais.

CAP. IV

1. As Idades do Bronze Inicial e Médio (dos finais do III aos finais do II milénios AC) e a nova ordem do mundo.
 - 1.1. A generalização e sistematização de um modo de vida agro-silvo-pastoril.
 - 1.2. O aparecimento da metalurgia do bronze.
 - 1.3. As novas ideologias e a criação de novos cenários de representação e de poder.
 - 1.4. As particularidades peninsulares: o Noroeste.
 - 1.5. As particularidades peninsulares: o Sudoeste.

BIBLIOGRAFIA

Ana M. S. Bettencourt

Prof^a Auxiliar com Agregação do Departamento de História da Universidade do Minho,
Doutorada em Pré-História e História da Antiguidade

Legendas das fotografias da esquerda para a direita:

Monumentos megalíticos de planalto de Castro Laboreiro; Castelo Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa e Povoado da Idade do Bronze do Corgo, Azurara, Vila do Conde. Fotografias da autora.

INTRODUÇÃO

Este texto visa, essencialmente, apoiar as aulas da unidade curricular de *Pré-História e Proto-História Peninsular* integrada no *Curso de Arqueologia* do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Tendo presente este objectivo, esta publicação, dividida em quatro capítulos, abarca um período cronológico que vai, desde o V aos inícios do I milénios AC, englobando o que se convencionou designar por Neolítico Médio/Final, Calcolítico e Idade do Bronze Inicial, Médio e Final.

O capítulo I, introdutório, relembra aos alunos a importância e a subjectividade das periodizações e das taxonomias ao mesmo tempo que os inicia na perspectiva de que o conhecimento é igualmente subjectivo e baseado em premissas e conceitos do qual resulta um conhecimento plural, razão pelo qual os principais temas de estudo serão abordados sobre diferentes perspectivas.

O capítulo II introduz os alunos na problemática da adopção paulatina da pastorícia e da agricultura no seio de comunidades com modos de vida semi-nómadas, durante o Neolítico Médio/Final da Península Ibérica, e tende a demonstrar como tais fenómenos se inter-relacionam com novas relações físicas e simbólicas das comunidades com o meio. De seguida, dá-se ênfase às assimetrias de desenvolvimento cultural, existentes em diferentes áreas geográficas. O último ponto deste tema foca como a construção da primeira arquitectura monumental, em pedra, em terra e em madeira, reflecte profundas transformações de ordem ideológica, social e económica, ocorridas nas comunidades do Neolítico.

O capítulo subsequente, o III, pretende dar a conhecer como, a partir dos finais do IV e durante o III milénios AC, ou seja, do Calcolítico, as comunidades alteraram o seu sistema cognitivo e criaram cenários de referência espacial totalmente distintos do período anterior. Cabe, aqui, especial referência, à emergência da consolidação das práticas agro-pastoris, nalguns locais, ao aparecimento da metalurgia do cobre, às novas

arquitecturas e ritos funerários e aos novos cenários de poder e de identidade, como, por exemplo, os diferentes recintos murados e de fossos.

No capítulo IV será abordada a emergência de uma nova paisagem durante a Idade do Bronze, isto é, desde a segunda metade do III aos inícios/meados do I milénios AC, e o papel que a consolidação e sistematização das práticas agro-pastoris, assim como os primórdios da metalurgia do bronze tiveram neste sentido. São explorados os novos cenários e práticas de poder e de identidade e a importância crescente dos lugares residenciais como estruturantes do espaço. Estudam-se várias áreas peninsulares com o objectivo de demonstrarmos os regionalismos e as assimetrias de desenvolvimento, assim como os diferentes modelos explicativos existentes.

Finalmente, com este texto intenta-se que os educandos tenham a noção da relevância dos fenómenos aqui tratados e, por conseguinte, da importância da Pré-História. Procuramos, igualmente, que adquiram um conhecimento actualizado e crítico sobre os conhecimentos veiculados.

CAP I

1.Periodização e taxonomias: seu valor e limites

A Pré-História e a Proto-História, tal como outras áreas do saber, subdividem-se em diversos períodos que mais não são do que fragmentações convencionais do tempo e do espaço, aceites por um grande número de especialistas e baseadas em determinadas premissas e, portanto, subjectivas.

De uma forma muito geral podemos definir Pré-História como um período da Humanidade que estuda as comunidades que não têm capacidade de deixar o seu próprio registo histórico através de documentos escritos. Pela sua dimensão cronológica este período subdivide-se em Pré-História Antiga e Pré-História Recente, sendo a primeira designação usada para as sociedades Paleolíticas que viveram durante o Pleistoceno ou período das grandes oscilações glaciárias e inter-glaciárias. A Pré-História recente compreende o estudo dos grupos humanos do Holoceno, com início no Epipaleolítico (c. 12.000 a.C), passando pelo Neolítico e terminando nalguns lugares no Calcolítico e, noutros, na Idade do Bronze (c. VIII/VII a.C.).

A Proto-História compreende as comunidades que não possuindo registo histórico terão sido contemporâneas de outras (as civilizações, para usar outra convenção) que detentoras de escrita nos terão deixado informação sobre as primeiras (Ex. Civ. Romana face à Idade do Ferro). Globalmente considera-se que esta designação abarca a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Sendo estas periodizações convencionais e de ampla escala de análise, quando se estudam regiões particulares, como é o caso da Península Ibérica, há frequentemente que trabalhar com periodizações regionais, nem sempre concordantes com as primeiras, pelo que é importante compreender que todas as escalas de análises são válidas consoante os objectivos a atingir e o objecto de estudo.

2. O conhecimento em Pré-História e Proto-História: a importância dos dados, da interpretação e da ferramenta teórica

Este é um assunto de grande complexidade que será apenas abordado de forma a que se perceba que as teorias e as hipóteses transmitidas sobre as comunidades da Pré-História e da Proto-História são apenas interpretações baseadas numa base empírica e num corpo de premissas que alicerçam um paradigma teórico. Pretende-se exemplificar a expressão de que não há prática sem teoria e acentuar o carácter interpretativo e subjectivo do conhecimento e o facto dele resultar de um diálogo entre o passado e o presente¹ que o hoje o constrói.

Para clarificar este aspecto utilizamos o exemplo dos lugares de planta tendencialmente circular, delimitados por grandes fossos e no interior dos quais se detectam poços, fossas e buracos de poste, construídos essencialmente durante o Neolítico e o Calcolítico peninsulares. Para a sua explicação existem, pelos menos, três hipóteses interpretativas: a de que corresponderiam aos primeiros povoados sedentários, a de que seriam reservatórios de água e restos de sistemas de irrigação extremamente complexos, numa perspectiva funcionalista, ou a de que teriam funcionado como lugares ou centros cerimoniais partilhados ciclicamente por um número grande de pessoas, numa análise pós-processual.

3. Alguns conceitos e premissas importantes na compreensão da Pré-História: Natureza/Cultura; Paisagem; Neolítico

3.1. Natureza/Cultura e Paisagem

Para o tratamento deste tema, assumimos, desde logo, que se toma como base de trabalho a obra de Tim Ingold². Como intróito, começamos por explicar a importância da

¹ - Cf., entre outros, J. Thomas (1999). *Understanding the Neolithic*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge, pp. 2 – 6. Sobre o assunto, mas a um nível mais especializado, há a registar a importante obra editada por I. Hodder *et alii* (1995). *Interpreting Archaeology. Finding meaning in the past*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.

² - Sobretudo o livro *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*, Londres e Nova Iorque, Ed. Routledge, 2000. Sobre o mesmo tema é de referir, igualmente, o importante livro *Nature and Society. Anthropological Perspectives*, Londres, Ed. Routledge, 1996, editado por P. Descola & G. Pálsson.

antropologia cultural na discussão destes conceitos pois trata-se de uma disciplina que, desde há muito, privilegia o estudo das comunidades “tradicionais”, com modos de vida associados à caça, recolocção e pesca ou a uma agricultura/horticultura incipiente, nos mais diversos continentes. No contexto destas comunidades, é explicado aos alunos que a relação Homem/Floresta/Animal ocorre em relação de paridade ou de reciprocidade generalizada. As populações, os animais, as plantas vivem num espaço partilhado por todos sem relações de imposição entre eles. O Homem não domina; todos estão “implicados” no meio-ambiente, no contexto das práticas quotidianas. Caçar e plantar, por exemplo, não são actividades entendidas como formas racionais de dominar ou transformar a natureza, são apenas processos naturais, tal como educar as crianças, entre outras actividades. Para estas sociedades a dualidade entre Natureza e Cultura não existe como nós a percebemos, resultando esta dicotomia da sociedade ocidental, da lógica modernista e capitalista na qual nos inserimos e que pretende afastar o homem da natureza, com os riscos daí inerentes. Dito de outro modo, o antagonismo entre o mundo cultural (doméstico) e o mundo natural (selvagem) não deverá equacionar-se para sociedades de caçadores-recolectores-pescadores ou mesmo para aquelas que conhecedores das práticas agro-pastoris, ainda não dependem, maioritariamente delas, em termos subsistenciais.

Tendo em atenção que muitas sociedades pré-históricas teriam modos de vida, aparentemente “similares” a algumas estudados pela antropologia, é dado ênfase ao facto de que é necessário ao Pré-Historiador ultrapassar o dualismo ontológico entre cultura e natureza e deixar de entender a natureza apenas como suporte das actividades humanas.

Na tentativa de ultrapassarmos este espírito dicotómico introduzimos o conceito de Paisagem. Segundo Tim Ingold³, esta deve ser vista como um processo de incorporação que contém quer elementos naturais, quer elementos culturais. Não sendo apenas terra, natureza ou cultura, a Paisagem resulta de uma história, da passagem de várias gerações por um determinado meio, sendo, portanto, um todo, em constante movimento. Neste sentido também não é um lugar onde se desenvolvem apenas actividades económicas mas um lugar emocional eivado de sentidos.

³ - Ob. cit. (cap. 11).

3.2. Neolítico

O conceito de Neolítico tem-se alterado consoante os paradigmas arqueológicos. Surge no séc. XIX com J. Lubbock, momento em que se privilegia apenas uma perspectiva tecnológica, sendo então considerado o período de pedra polida. Posteriormente defende-se um critério tecnológico e económico que está subjacente à concepção de que o Neolítico corresponde a um período de ruptura em que as comunidades deixam de ser predadoras para se tornarem produtoras com subseqüentes alterações nas formas de povoamento e na organização económica, social e religiosa. É neste âmbito que surge o conceito de “Revolução Neolítica” defendido por V. Gordon Childe na primeira metade do séc. XX. Este autor sustentava que o início do Neolítico era acompanhado de uma série de transformações bruscas (pacote de inovações e descobertas) relacionadas com o surgimento da pedra polida, da cerâmica, da agricultura, da domesticação animal, da sedentarização e do modo de vida aldeã. Após a 2ª Guerra Mundial novas investigações põem em causa tal conceito, defendendo-se, então, o de “Processo de Neolitização”. A partir daí, o Neolítico foi interpretado como um fenómeno lento e resultante da evolução das tradições culturais regionais em adaptação a novas condições ecológicas. No entanto, continua-se a dar primazia aos aspectos económicos e a um novo modo de vida baseado nas actividades agro-pastoris que levará à sedentarização, a uma maior divisão e especialização do trabalho e a uma significativa alteração da paisagem, concomitantemente com o aparecimento de profundas transformações sociais e ideológicas, mais ligadas à terra e à comunidade, ou seja, à reprodução biológica e social.

Após a década de 80, embora não de forma exclusiva, o conceito de “Neolítico” tem sido encarado mais como uma nova mentalidade, uma nova atitude ideológica ou conceptual, do que um questão de natureza económica, afastando-se o pressuposto generalista de que, a uma variabilidade cultural, corresponderia uma economia de base, relativamente homogénea e sustentada na agricultura. Cabe-nos, no entanto, alertar para o facto de que, dentro desta perspectiva, há posições distintas. Se, por exemplo, para Ian Hodder (1990: 20-43) os inícios do Neolítico correspondem a uma “domesticação” da natureza tendo por base uma concepção dicotómica entre o mundo doméstico (familiar)

e o indomável (selvagem), já Julian Thomas (1999: 15) rejeita a visão do Neolítico como o produto de uma determinada ideologia geral⁴.

A tónica agora foca-se mais nos estudos regionais do que nas explicações generalistas que pretendem criar modelos económicos de carácter universal para o Neolítico.

⁴ - Sobre este assunto é importante consultar, também, R. Bradley (1998). *The significance of monuments on the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*, Londres, Ed. Routledge (cap. 1 e 2); A. Whittle (1996). *Europe in the Neolithic. The creation of new worlds*, Cambridge, Ed. Cambridge University Press (cap. 10) e C. Tilley (1996). *An ethnography of the Neolithic*, Cambridge, Cambridge University Press. Uma boa síntese para os alunos encontra-se em A. Hernando (1999). ob. cit. (cap. 1.2).

CAP II

1. O Neolítico Médio/Final (entre o V e os finais do IV milénios AC): formas de percepção e de exploração do meio e adoção paulatina e assimétrica da pastorícia e da agricultura

Assumindo que durante o Neolítico Antigo as comunidades eram, ainda, muito semelhantes às do Epipaleolítico/Mesolítico, com economias de largo espectro, apesar de conhecerem as plantas agrícolas e os animais domésticos que usaram de distintos modos e com pesos subsistenciais diferentes, de região para região, este capítulo abordará as diferentes formas como as populações do Neolítico Médio/Final interagiram com o contexto espacial amplo e diversificado em termos climáticos, florísticos e faunísticos que é a Península Ibérica, para que se entenda que a implantação de um verdadeiro modo de vida agro-pastoril corresponde, na maioria dos casos, a um processo lento, descontínuo, não linear e que ocorreu em fases avançadas do Neolítico ou, mesmo, mais tarde.

De uma forma geral é comum caracterizar-se o Neolítico Médio/Final da Península Ibérica e mesmo da Europa ocidental⁵, como sendo constituído por pequenas comunidades, cuja base primordial da economia seria a pastorícia, acompanhada da recolção e de uma agricultura ainda incipiente, movendo-se forma dispersa num território sacralizado pelos monumentos megalíticos, mas congregando-se, pontualmente ou ciclicamente, nalguns locais reservados para esse fim⁶.

⁵ - Cf. J. Barret (1994). *Fragments from Antiquity. An archaeology of social life in Britain, 2900 – 1200 B.C.*, Oxford, Ed. Blackwell; M. Edmonds (1999). *Ancestral geographies of the Neolithic. Landscape, monuments and memory*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge; C. Scarre (2001). Modeling prehistoric populations: the case of Neolithic Brittany, *Journal of Anthropological Archaeology*, 20, pp. 285 – 313.

⁶ -Sobre o assunto vd. as seguintes publicações: A. Hernando (1999). *Los primeros agricultores de la Península Ibérica*, Madrid, Ed. Síntesis; S. O. Jorge (1999). *Domesticar a terra*, Lisboa, Ed. Gradiva (cap. 1); F. Criado Boado *et alii* (2000). Los túmulos como asentamientos, in V. O. Jorge (ed.) *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica*, Porto, Ed. ADECAP., Vila Real, pp. 289-302; V. O. Jorge & S. O. Jorge (2000). A monumentalização das paisagens durante a pré-história: alguns contributos para um debate, *Era Arqueologia*, 1, pp. 101 – 111; V. Villoch (2001). El emplazamiento tumular como estratégia de configuración del espacio social: Galicia en la Prehistoria Reciente, *Complutum*, 12, pp. 33 – 49; J. E. Marquez Romero (2002). Megalitismo, agricultura y complejidad social: algunas consideraciones, *Baetica. Estudios de Arte, Geografía e Historia*, 24, pp. 193 – 222.

Como forma de ilustrarmos melhor estes fenómenos estudam-se duas regiões peninsulares como casos de estudo: o Noroeste e o Sudoeste.

1.1. O Noroeste

No Noroeste peninsular, de cariz atlântico, destaca-se o facto de que, em termos de experiencição do espaço, os locais residenciais e os locais ocupados no dia-a-dia com a sobrevivência, não parecem constituir o centro do “mapa cognitivo” destas populações, que se crêem dispersas pelo território e com “disposição para a mobilidade”. Assim, os seus sítios de habitat são escassos e pouco expressivos no meio e mostram alguma heterogeneidade. Ou seja, estas comunidades tanto podem ter aproveitado abrigos naturais para habitação, como áreas abertas, por vezes nas proximidades de sepulcros “megalíticos”. Deste modo, crê-se que os territórios destas comunidades deveriam ser bastante abrangentes e diversificados “simbolicamente” por várias manifestações como, por exemplo, os “sepulcros megalíticos”, alguns menires e alguns “santuários” rupestres com gravuras ou pinturas. Em termos económicos, cabe destacar a existência de uma agricultura de subsistência (cerealífera e de algumas leguminosas), contemplada com a pastorícia (de ovicaprídeos, bovídeos e suínos), com a caça, com a pesca e com a recollecção.

É importante reter o facto de que todas estas características não ocorreram em simultâneo, sendo possível a existência de comunidades mais tributárias da pastorícia do que da agricultura e que, na pastorícia, o uso de bovinos e suínos foi surgindo paulatinamente⁷.

⁷ -Sobre este assunto consultar M. Jesus Sanches (1997a). *A ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rey Afonso Henriques; M. Jesus Sanches (1997b). *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2vols, Porto, SPAE – textos 1; S. O. Jorge (1999). *Domesticar a Terra*, Lisboa, Gradiva (cap. 2); A. Hernando (1999). *Los primeros agricultores de la Península Ibérica*, Ed. Síntesis (cap. 3.6.); J. Suárez Otero & R. Fábregas Valcarce (2000). O Neolítico en Galicia. Estado da Cuestión, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 135 – 147; F. Criado Boado *et alii* (2000). Los túmulos como assentamientos, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, ADECAP, pp. 289 – 302; J. E. Marquez Romero (2002). Ob. cit.; S. O. Jorge (2003). A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos vinte e cinco anos, *Livro de Homenagem – Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*. Porto, Faculdade Letras Universidade do Porto/Livraria Civilização, pp. 1453 – 1482; S. O. Jorge & V. O. Jorge (2000). A

1.2. O Sudoeste

Quanto ao *Sudoeste* peninsular cabe destacar a grande heterogeneidade de povoamento com a existência de sítios residenciais em planuras, em outeiros ou mesmo em altitude e com grande visibilidade para a paisagem circundante. Alguns destes locais indiciam o domínio das práticas agro-pastoris, sobretudo no Alto Alentejo, enquanto noutros é difícil admitir o mesmo. De referir, igualmente, a existência de ocupações sazonais, associadas a práticas de recollecção, como é o caso dos concheiros de Comporta (Grândola), no rio Sado. A nova interacção com o meio expressa-se, para além dos sítios residenciais, em inúmeros monumentos “megalíticos” (como sepulcros, menires e recintos de menires), nos santuários rupestres (Ex. exterior da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo; abrigos da serra de S. Mamede, Portalegre; vale do Tejo e vale do Guadiana-Alqueva) assim como em acções que se traduzem numa nova iconografia, associada à produtividade agro-pastoril e à fertilidade, em geral. Referimo-nos, por exemplo, às figurinhas de osso representando lebres e coelhos e às de suínos, em cerâmica⁸.

monumentalização das paisagens durante a pré-história: alguns contributos para um debate, *Era Arqueologia*, 1, pp. 101 – 111; A. M. S. Bettencourt (2005). Os primeiros agricultores e pastores do Noroeste de Portugal: o Neolítico e o Calcolítico, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia*, Lisboa, Ed. Instituto Português dos Museus, pp. 28 – 35; S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006). Agricultores e pastores fixados no território. Do Neolítico Médio ao Bronze Médio, in C. A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, pp. 106 – 163; A. M. S. Bettencourt (no prelo). Os primeiros construtores da paisagem minhota: do Neolítico à Idade do Bronze, in P. Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Braga, Ed. Conselho Cultural da Universidade do Minho.

⁸ - Para o Neolítico Médio/Final do Sudoeste a bibliografia é vasta mas privilegiámos, aqui, apenas a mais geral. Assim, os alunos poderão consultar as obras A. M. Baptista (1981). *A rocha F.- 155 e a origem da arte do vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas do GEAP, nº 1, Porto; A. M. Baptista (1986). Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, in J. Alarcão (ed.) *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, Lisboa, Ed. Alfa, pp. 31 – 55; S. O. Jorge (1999). *Domesticar a Terra*, Lisboa, Gradiva (cap. 2); A. Hernando (1999). ob. cit. (cap. 3.9.); P. Bueno Ramirez *et alii* (2000). Arte Megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcántara. Cáceres. España, *Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto, ADECAP, pp. 481 – 502; M. Calado (2000). Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 35 – 45; M. Diniz (2000a) As comunidades neolíticas no interior alentejano: uma leitura cultural e cronológica, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 23 – 33; M. Diniz

Mesmo tendo em conta as particularidades dos diferentes contextos admitimos que, a partir do Neolítico Médio/Final, momento em que vai adoptando a pastorícia e a agricultura como forma cada vez mais dominante de subsistência, as principais transformações de ordem ideológica parecem traduzir-se numa nova conceptualização do universo, onde o aumento de sentido de pertença a um determinado território terá permitido a construção de cenografias monumentais, inovadoras, marcando de forma fixa o espaço sagrado e carregado de significações sociais e religiosos. Em sociedades com modos de vida ainda móveis, estes cenários estruturariam o espaço e as acções e proporcionariam momentos de congregação, quer para a sua construção, quer para a realização de actos relacionados com os antepassados.

Concomitantemente, os grandes corredores de circulação, sacralizados desde etapas anteriores por gravuras rupestres são mantidos activos e reapropriados simbolicamente através de novas iconografias, ao mesmo tempo que muitos abrigos ou grutas gravadas e pintadas, são “domesticadas” e tornadas activamente simbólicas.

2. A construção de cenografias monumentais: tipos, distribuição geográfica, cronologias, contextos regionais e interpretações

Neste *item* dão-se a conhecer as grandes arquitecturas que marcaram e transformaram a paisagem da fachada litoral da Península Ibérica em diversos contextos culturais, sobretudo, entre o V e o IV milénios AC, assim como as diferentes interpretações sobre

(2000b). Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo e do espaço, *in* V. S. Gonçalves (ed.), *Muitas Antas, pouca gente?* Lisboa, Ed. IPA, pp. 105 – 116; J. Oliveira (2000). Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 429 – 444; J. L Cardoso (2002). *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo (pp. 177 – 183); H. Collado Giraldo (2004). Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno Inicial como precedentes del arte rupestre esquemático en Extremadura, *in* M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida; I. Barandiarán Maestu., B. Martí, M^a Á. del Rincón & J. Luís Maya (2006). *Prehistoria de la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel Prehistoria (cap. 5.4); N. Bicho (2006). *A Pré-História do Algarve*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 8, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -17, CEIPHAR; M. Calado (2006). Alentejo, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 8, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -18, CEIPHAR.

o seu significado e sobre o modo de vida das comunidades que os construíram. Referimo-nos aos monumentos sepulcrais, aos menires, aos recintos de pedra (cromeleques) e aos recintos de fossos.

Apesar de tão grande diversidade, todos têm sido explicados pela arqueologia interpretativa, como lugares cerimoniais e não de ocupação permanente, embora os cultos e rituais aí praticados possam ser diferentes, de caso para caso, e de região para região.

2.1. Os monumentos “sepulcrais”

A designação de monumentos megalíticos aplicada aos sepulcros de carácter monumental esconde um grande polimorfismo arquitectónico, cuja uniformidade aparente é dada pelo montículo artificial de terra ou de terra e pedra que cobre a câmara funerária, ou seja, o *tumulus*⁹.

Os monumentos deste tipo de origem mais antiga são os monumentos sepulcrais fechados, sob *tumuli* circulares e de inumação individual, cuja origem, em algumas regiões, remonta ao Neolítico Inicial, embora a sua construção se tivesse mantido durante o Neolítico Médio/Final. Posteriormente, durante o Neolítico Médio/Final, embora de forma assimétrica, consoante as diferentes regiões, desenvolvem-se os grandes túmulos com câmaras abertas, por vezes providas de vestíbulo ou de corredor e átrio. Estes monumentos, utilizados para enterramentos colectivos sucessivos, teriam estado em uso por tempo considerável, sendo frequentados e reutilizados, por diversas vezes, durante a sua vida activa permitindo que o mundo dos mortos se tornasse acessível ao mundo exterior ou que se mantivesse uma ligação acentuada entre estes dois mundos.

Explicitadas as características gerais destes monumentos, e tendo presente que não é aceitável tratar este fenómeno como unitário em termos culturais, abordaremos várias regiões da Península Ibérica que nos parecem reveladoras de particularidades. Referimo-nos à fachada mais ocidental do Sudoeste, onde a arquitectura tumular monumental parece ser um fenómeno precoce e ao Noroeste peninsular.

⁹ - M. G. Sousa (2006). A terra no megalitismo do Norte de Portugal, in M. Correia & V. O. Jorge (eds.). *Terra: forma de construir. 10ª Mesa Redonda de Primavera*, Porto, Ed. FLUP/CEAUCP, pp. 76-82.

2.1.1.O Sudoeste e a Estremadura

No *Sudoeste* privilegiámos o Alto e o Baixo Alentejo, assim como o Algarve. Aqui, o fenómeno sepulcral de carácter megalítico ocorre, pelo menos, desde os meados do V milénio AC, momento em que se conhecem práticas mortuárias distintas: os enterramentos, provavelmente individuais, em câmaras cistóides, fechadas e inacessíveis, após a construção do *tumulus*, e túmulos com câmaras de corredor curto, já de inumação colectiva, como se verificou no Alto Alentejo. Nesta mesma região, durante a segunda metade do V milénio AC, dá-se a construção, precoce, de grandes túmulos para enterramentos colectivos, em câmaras com corredores longos¹⁰. A este propósito mostram-se exemplos dos complexos de túmulos da área de Évora-Reguengos, como a paradigmática Anta Grande do Zambujeiro (Évora).

No entanto, parece ser só a partir da transição do V para o IV milénios AC e durante a primeira metade do IV milénio AC que se dá uma monumentalização abrangente (mas não exclusiva) do território mais ocidental da Península, com excepção da Estremadura portuguesa. Surgem, um pouco por todo o lado, a construção ou reutilização de túmulos com câmara, corredor e átrio, onde se praticaria a inumação colectiva sucessiva. No entanto, a par dos monumentos megalíticos, ocorrem outras manifestações sepulcrais pouco ou nada perceptíveis na paisagem. Referimo-nos ao aproveitamento de grutas naturais (Ex. Escoural, Montemor-o-Novo) ou à construção de grutas artificiais/hipogeus. Simultaneamente, constroem-se os primeiros monumentos de falsa cúpula/*tholoi* (com distribuição por toda a fachada meridional da Península Ibérica), já na segunda metade do IV milénio AC, ou seja, no Neolítico Final.

Na *Estremadura* os monumentos megalíticos sepulcrais são escassos, dado que perdura a tradição ancestral de enterramento em gruta natural. Há no entanto que salientar a

¹⁰ - S. Oliveira Jorge (1990), Ob. cit. (cap.2); J. Oliveira (1998). *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*, Lisboa, Ed. Colibri; V. S. Gonçalves (1999). Ob. cit; S. O. Jorge (1999), ob.cit.; M. Calado (2000). Ob. cit; M. Diniz (2000b). ob. cit.; J. L. Cardoso (2002), Ob. cit. (cap. 3.3); V. S. Gonçalves & A. C. Sousa (2003). Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental, V. S. Gonçalves (ed.), *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*, Lisboa, Ed. IPA, pp. 199-226; M. Calado (2006). Ob. cit; N. Bicho (2006). Ob. cit..

introdução dos enterramentos colectivos em grutas artificiais - os hipogeus, ou em monumentos de falsa cúpula, igualmente intitulados por *tholoi*¹¹.

Como exemplos de hipogeus referimos o da Quinta do Anjo (Palmela) e o do Monte de Canelas (Alcalar, Portimão). Como exemplo de monumentos de falsa cúpula destacamos o de Alcalar 7 (Portimão) e o do Olival da Pega 2 (Reguengos de Monsaraz)¹².

Com estas observações, pretende-se que se perceba que o grande polimorfismo arquitectónico e ritual existente para “*cultuar os antepassados*”, é um fenómeno que se deve associar a diferentes tradições culturais e a distintos processos sociais existentes no seio das comunidades do Neolítico Médio/Final peninsular¹³.

2.1.2. O Noroeste

Em relação à variabilidade funerária do Noroeste Peninsular, usaremos como caso de estudo a necrópole da Serra da Aboboreira (distrito do Porto), assim como alguns exemplos do Nordeste Transmontano e da Galiza.

Pese embora as especificidades de cada necrópole, em termos gerais é possível reconhecer que, pelo menos, nos finais do V milénio AC, já se construía túmulos megalíticos de câmaras pequenas, fechadas ou abertas, pouco ou medianamente perceptíveis na paisagem, provavelmente de inumação individual, assim como câmaras

¹¹ - S. O. Jorge (1999), ob.cit.; J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (cap. 3.3); V. S. Gonçalves (2005). Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponeses, V. S. Gonçalves (ed.). *Cascais há 5000 anos*, Ed. Câmara Municipal de Cascais, pp. 63 – 195; J. L. Cardoso (2006). *Lisboa e Estremadura. A Pré-História recente e a Proto-História*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 6, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -20, CEIPHAR.

¹² - A. C. Araújo & M. Lejeune (1995). *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*, Lisboa, Ed. IPPAR; R. Parreira (1997). Alcalar – o território, os lugares e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a.C., *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, Min. da Cultura, Ed. IPPAR, pp 191 – 206; A. M. Silva (1997). “Ler” os ossos: Antropologia de campo e Arqueologia funerária, *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, Min. Cultura, Ed. IPPAR, pp. 207 – 220; V. S. Gonçalves (1999). *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, Lisboa, Ed. MNA; J. Soares (2003). *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*, Setúbal, Ed. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

¹³ - S. Jorge (1999). Ob. cit.

em fossa associadas a estruturas de madeira, sob *tumuli* (Ex. Illade 0, As Pontes, Corunha), a demonstrar grande polimorfismo estrutural no que se convencionou chamar megalitismo.

A partir da transição do V para o IV milénios AC e durante, pelo menos, a primeira metade deste, perduraram os monumentos de câmaras simples, em pedra e em fossa (Ex. Chã de Santinhos 1 e 2, Marco de Canavezes), em plena necrópole da Aboboreira, evidenciando uma grande diversidade construtiva, durante este milénio. No entanto, a grande novidade desta fase de transição é a construção de grandes dólmenes com câmaras abertas, vestíbulos ou corredores, providos frequentemente de átrios e com esteios gravados. Estas estruturas, ao permitirem enterrar um grande número de pessoas sucessivamente, funcionariam como verdadeiros túmulos/templos onde as práticas mortuárias e os ritos aos mortos poderiam ser efectuadas em tempos longos perpetuando-se a memória dos antepassados ali “residentes”. Estas novas arquitecturas de corredor instalam-se nas proximidades das mais antigas, por vezes abarcando-os nos novos *tumuli*, talvez como forma de apropriação ou reinterpretação do espaço cenográfico pré-existente ou dos antepassados e da sua história (Ex. Dombate e Forno dos Mouros 5, na Corunha e Mamoá da Cruzinha, em Esposende). Em redor destes últimos grandes túmulos/templos ligados ao culto dos antepassados, é normal a construção de outros monumentos sepulcrais, posteriores, que “gravitam” à volta destes “centros reais ou simbólicos”. Deste modo, estas necrópoles, construídas por adição, numa longa temporalidade, a determinada altura cumprem “um papel de conjunto”, acabando “por ser, nesse sentido, culturalmente contemporâneas” num propósito de “criar um território estável com identidade”, onde a memória grupal se poderá controlar através de actos comemorativos, fenómeno importante no quadro da “consolidação das estruturas sociais das primeiras comunidades agro-pastoris”¹⁴.

¹⁴ - V. O. J. (1983). Les Tumulus de Chã de Santinhos, *Arqueologia*, 12, p. 96 – 129; S. O Jorge (1998a). Later prehistoric monuments of Northern Portugal: some remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, 0, pp. 105 – 113; V. O. Jorge (1989). Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, 2^ª série, 6, pp. 365-443; V. O. Jorge (1991). Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia, *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, Lisboa, IICT, pp. 205-213; D. Cruz (1995a). Cronologia dos monumentos com tumulus do noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 81-119; F. Alonso Mathias & J. M. Bello Diéguez (1997). Cronologia y periodización del fenómeno megalítico en Galicia a la luz de las dataciones por Carbono 14, in A. Rodriguez Casal (ed.) (1997). *O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*, Santiago de Compostela, Ed. Universidade de Santiago de Compostela, pp. 507-520; S. Jorge

Dentro dos túmulos antigos analisam-se, de forma mais específica a mamoa 3 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro). Como exemplos de grandes túmulos/templos estudam-se, além dos já citados acima, os dólmenes de Chã de Parada I (Serra da Aboboreira, Baião), o de Madorras 1 (Sabrosa), o de Areita (S. João da Pesqueira), o de Antelas (Oliveira de Frades) e os de Dombate e da Mina da Parxubeira (Corunha, Galiza)¹⁵.

(1999), *Domesticar a terra*, Lisboa Ed. Gradiva (cap. 2); C. Stockler (2000). Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. Do Neolítico Inicial ao Bronze Inicial, *Al Madan*, 9, pp. 79-93; J. L. Cardoso (2002). *A Pré-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo (cap. 3.3); M. J. Sanches & S. Andreia Nunes (2003). Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º mil. BC, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre megalitismo e arte rupestre na Europa Atlântica*, Ed. Fundação Eugénio de Almeida; E. J. L. Silva (2003). Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. Gonçalves (ed). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia – 25, pp. 269 – 279; R. Fábregas Valcarce & X. I. Vilaseco Vázquez (2003), El Neolítico y el megalitismo en Galicia: problemas teórico-metodológicos y estado de la cuestión, in V. S. Gonçalves (ed). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia – 25, pp. 281-304; V. Jorge (2003). *A Irrequietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*, Porto, Ed. Afrontamento (cap. 3 – Parte II); V. Jorge (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto (capítulos 2 e 3 - Parte III); P. Mañana Borrazás (2005). Túmulo 5 de Forno dos Mouros (Ortigueira, A Coruña). Primeiros resultados, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 52, pp. 39 – 79; S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006), ob. cit.; R. Fábregas Valcarce & X. I. Vilaseco (2006). En torno al megalitismo gallego, in F. Carrera Ramírez & R. Fábregas Valcarce, *Arte parietal megalítico en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y conservación*, Santiago de Compostela, Tórculo Ediciones, pp. 11 - 36; A. M. S. Bettencourt (no prelo). Os primeiros construtores da paisagem minhota: do Neolítico à Idade do Bronze, in P. Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Braga, Ed. Conselho Cultural da Universidade do Minho.

¹⁵ - Vítor O. Jorge & Ana M. S. Bettencourt (1988). Sondagens arqueológicas na mamoa I de Chã de Parada (Baião), *Arqueologia*, nº17, Porto, pp. 73-118; A. Rodríguez Casal (1989). *La necrópolis megalítica de Parxubeira (campanhas arqueológicas de 1977 a 1984)*, A Coruña, Ed. Gráficas do Castro/Moret; A. A. H. Gonçalves & D. Cruz (1994). Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa I de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), *O Megalitismo no Centro de Portugal. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, 2, pp. 171 – 232; D. J. Cruz (1995a), Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico final, *Estudos Pré-históricos*, 3, CEPBA, pp.263-264; V. Oliveira Jorge et alii (1997). *As mamoas do Alto da Portela do Pau, Castro Laboreiro, Melgaço*, Porto, Ed. SPAE; L.F. Gomes, P. S. Carvalho & J. Perpétuo (1998), O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira), *Estudos Pré-históricos*, 6, CEPBA, pp. 243-248; A. Rodríguez

É de referenciar que em Trás-os-Montes oriental e no Alto Douro o fenómeno megalítico tende a ser mais reduzido ou inexistente em relação à fachada ocidental. Em Trás-os-Montes oriental, por exemplo, erguem-se, nalguns locais, *tumuli* apenas de argila compactada que recobrem simples deposições (Ex. Pena Mosqueira 3, Mogadouro) ou câmaras não megalíticas, em forma de fossas ou de poços (Mamoia 2 de Pena do Mocho, Mogadouro)¹⁶. Esta situação também é comum nalgumas áreas da Meseta Norte.

2.2. A inserção das diferentes cenografias sepulcrais peninsulares nas principais problemáticas europeias: propósitos sociais e relação com os meios de subsistência

Depois de explicitados os diferentes contextos e as distintas particularidades regionais, abordaremos a temática da interpretação dos monumentos sepulcrais em relação a algumas problemáticas europeias existentes sobre o tema, nomeadamente as relacionadas com os *propósitos sociais dos seus construtores e a relação dos túmulos com os meios de subsistência*.

Uma das primeiras teorias sobre as problemáticas expostas é a de carácter funcionalista. Esta defende que a construção de monumentos megalíticos funerários teria sido efectuada por sociedades camponesas e sedentárias, como forma de legitimar a posse do território económico e afirmar o processo de territorialização. Do mesmo modo, os túmulos dos antepassados serviriam, ideologicamente, como forma de reprodução da ordem social dominante e de coesão social¹⁷.

Casal (1998). Las estelas antropomorfas de Parxubeira en el contexto de la estatuaria megalítica del noroeste de la Península Ibérica, *Archéologie en Languedoc*, 22, pp. 73-82.

¹⁶ - M. J. Sanches (1987). A mamoa 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro), *Arqueologia*, 15, pp. 94 – 115; M. J. Sanches; M.M. Silva & I. J. Botelho (1992). Mamoa 2 da Pena do Mocho. Um tumulus provido de uma estrutura central em poço, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32, pp. 201-221; M. J. Sanches & S. A. Nunes (2005) - A Mamoa do Castelo (Jou) – Murça (Trás-os-Montes): resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestibulo, *Portugália*, 26, DCTP-FLUP (no prelo); S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006), ob. cit (cap. 4).

¹⁷ - Sobre este assunto consultar C. Renfrew (1973). Monuments, mobilization and social organization in neolithic Wessex, in C. Renfrew (ed.), *The explanation of culture change: model in prehistory*, Duckworth, pp. 539-558; C. Renfrew (1981). Introduction: the megalithic builders of Western Europe, in

As novas hipóteses de carácter pós-processual criticam os principais pressupostos teóricos e empíricos da visão anterior, dominante até aos finais dos anos 80, inícios dos 90 do séc. XX, mas ainda muito reproduzido em programas e livros destinados ao grande público. Apesar de existirem muitos autores que reflectiram sobre o assunto¹⁸, faremos apenas uma abordagem ao modelo proposto por Richard Bradley, em 1998¹⁹. Segundo este autor, cabe equacionar as seguintes questões em relação ao modelo tradicional: estarão todos os monumentos megalíticos relacionados, desde logo, com a adopção de uma economia agrícola? Poderemos, desde o início do fenómeno megalítico sepulcral, relacioná-los com a criação de uma cosmologia ligada ao culto dos antepassados, comum nas comunidades agro-pastoris?

Em resposta a estas questões defende que, apenas a partir da construção dos grandes túmulos de corredor seria possível admitir o acesso continuado entre o mundo dos vivos e o dos mortos, ou seja, o acesso à “exploração” e à “manipulação” do ancestral, fenómeno mais conforme com as concepções de tempo das comunidades agrícolas. A presença do ancestral num determinado lugar especial, passível de ser manipulado, poderia constituir uma forma da comunidade reivindicar uma determinada terra agricultável, como sua. Assim, para R. Bradley, só durante a última fase do megalitismo, os túmulos/templos se poderiam assumir como “marcadores territoriais”, ligados a “rituais de antepassados” e a sociedades mais dependentes da agricultura. Nos inícios do megalitismo, os primeiros monumentos sob *tumuli*, pequenos, fechados e provavelmente de inumação individual, estariam associados apenas a “rituais de enterramento” e

J. Evans *et alii* (eds.), *Antiquity and man. Essays in honour of Glyn Daniel*, Londres, Ed. Thames and Hudson, pp.72 - 81; R. Chapman (1981). The emergence of formal disposal area and the “problem” of megalithic tombs in prehistoric Europe, in R. Chapman *et alii* (eds.), *The archaeology of death*, Londres, Ed. Cambridge University Press, pp. 71 - 81; Bradley (1984). *The social foundations of prehistoric Britain, themes and variations in the archaeology of power*, Londres/Nova Iorque, Ed. Logman.

¹⁸ - Vd. J. Barret (1994). Ob. cit.; J. Thomas (1996). The cultural context of the first use of domesticates in continental Central and Northwest Europe, in D. Harris (ed.) *The origins and spread of agriculture and pastoralism in Eurasia*, pp. 310-322; B. Bender (1998). *Stonehenge. Making space*, Oxford/Nova Iorque, Ed. Berg.; M. Edmonds (1999). Ob. cit.; J.0 - 322 Thomas (1999). *Understanding the Neolithic*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge (cap. 6); R. Bradley (2002). *The past in Prehistoric societies*, Londres, Ed. Routledge (cap. 2 e 4).

¹⁹ - Cf. R. Bradley (1998). *The significance of monuments on the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*, Londres, Ed. Routledge (cap. 4).

surgido, ainda, no âmbito de comunidades não totalmente dependentes do modo de vida agrícola e pastoril e com padrões de mobilidade consideráveis.

Tendo em conta o que se conhece para as regiões estudadas, podemos admitir, embora de forma assimétrica, que a hipótese equacionada parece plausível, quer para o Alto Alentejo, onde o aparecimento de povoados agrícolas relacionados com os grandes túmulos, está registado na bibliografia arqueológica²⁰, quer para o Centro e o Norte de Portugal onde, a partir do Neolítico Final, se verifica, também, a contemporaneidade entre monumentos sepulcrais/rituais e locais residenciais mais sedentários com evidências de uma economia cada vez mais dependente das práticas agro-pastoris²¹. Assim sendo, a base empírica das regiões estudadas indicam que o megalitismo não coincide com a consolidação do modo de vida campesino ou de base agrícola, pelo que estas materialidades não devem ser pensadas, apenas, na perspectiva económica, mas como actos e expressões de determinadas formas do homem implicar-se com a paisagem. As necrópoles megalíticas, formadas por processos de adição, devem antes ser percebidas como sítios de experiências e de significações nos quais o sagrado e o profano estão intimamente relacionados.

Outra problemática a equacionar é a da interpretação exclusiva de túmulos, para os grandes monumentos de corredor, pois estes parecem ter servido mais como mausoléus ou santuários do que como locais de enterramento propriamente ditos, tendo em conta que são sítios onde as relíquias podiam ser adicionadas, reorganizadas ou levadas, parcialmente, para outros locais²². Estas novas interpretações permitem levantar, igualmente, questões de ordem social. Quem teria acesso ao interior destes monumentos? Quem poderia manipular os mortos? Quem saberia interpretar as pinturas e as gravuras que alguns deles continham? Quem assistiria às cerimónias no exterior? Não havendo respostas para todas estas questões, a maioria dos especialistas concorda

²⁰ - V. S. Gonçalves & A. C. Sousa (1997). A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular, in A. Rodríguez Casal, *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela, Ed. Univ. Santiago de Compostela, pp. 609-634.

²¹ - S. O. Jorge (1999), ob. cit. (cap. 2).

²² - Cf. R. Bradley (1998). Ob. cit. (cap. 4); J. Thomas (1999). *Understanding the Neolithic*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge (cap. 6); V. O. Jorge (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto.

com a hipótese de que só uma pequena parte dos membros de uma comunidade teria acesso a estes lugares restritos. Nesta perspectiva, estes monumentos têm sido considerados, também, como dispositivos de legitimação das diferenças sociais existentes no seio das sociedades do Neolítico Médio/Final²³.

Para além destas interpretações abrangentes, sublinha-se que cada monumento “megalítico” é portador de uma história própria (por vezes bem patente na especificidade da “arte megalítica” de cada um deles) cuja inteligibilidade só pode inferir-se se estes forem estudados no quadro dos contextos ideológicos, sociais e económicos de quem os efectuou e utilizou.

2.3. Os menires

Os menires são pedras colocadas na vertical com diversas dimensões e volumetrias, por vezes afeiçãoadas ou gravadas com origem provável no Mesolítico Final/Neolítico Inicial mas que continuaram a ser construídos até aos finais do Neolítico.

Distribuem-se, essencialmente, no Sudoeste peninsular apesar de em todo o Sul serem mais abundantes do que no Norte e no Nordeste, talvez por motivos pós-deposicionais.

Como exemplo de menires mais antigos referem-se os decorados com linhas ondeadas, símbolos femininos e outros motivos²⁴ (Ex. Quinta da Queimada, Lagos; Menir do povoado do Figueiral, Lagos; Bulhõa/Belhoa, Reguengos de Monsaraz) e os esculpidos

²³ - Entre outros autores recomenda-se aos alunos a leitura de V. O. Jorge (2000). Alguns problemas em foco, após duas décadas de estudo do megalitismo português, *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica, Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, Ed. ADECAP, pp. 357 – 367; V. Jorge (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto.

²⁴ - M. V. Gomes & L. M. Cabrita (1997). Dois novos povoados neolíticos, com menires, no barlavento algarvio, *Setúbal Arqueológica*, 11 – 12, pp. 191-198; J. Ramos (2000). El problema historiográfico de la diferenciación Epipaleolítico Neolítico como debate conceptual, SPAL, Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla, 9; M. Calado (2000). Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, Ed. ADECAP, pp. 35 – 45; D. Calado *et alii* (2003). Menires, Símbolos e organização social. O Extremo SW Peninsular, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.

em forma de falos (Ex. Outeiro, Reguengos de Monsaraz; Meada, Castelo de Vide; S. Paio de Antas, Esposende; Lapa de Gargantãns, Galiza)²⁵.

Uma expressão de antiguidade de alguns menires é a sua reutilização em câmaras, corredores e átrios de grandes sepulcros de corredor, fenómeno que ocorre em várias áreas peninsulares²⁶, assim como nalguns lugares da Europa ocidental como, por exemplo, na Bretanha francesa. Como exemplo da inclusão ou relação de menires com as câmaras funerárias, referiremos os casos da Anta Grande do Zambujeiro (Évora), da Orca da Cunha Baixa (Mangualde), de Navalcán (Toledo), da Orca dos Padrões (Mangualde) e de Os Campinos 1 (Corunha). Como exemplo de dólmenes contendo menires na sua entrada referiremos, de novo, a Anta Grande do Zambujeiro (Évora) e a da Casa Nova (Crato).

Desde cedo que os menires têm suscitado diferentes interpretações consoante as diversas escolas de pensamento. No entanto e independentemente de terem sido considerados como delimitadores de áreas ou de fronteiras ou associados a eventuais cultos de fertilidade, lunares, solares ou de outros fenómenos celestes, estes monumentos, símbolos ou metáforas de percepção ou domesticação do espaço, inserem-se em lugares especiais no seio de paisagens permanentemente “marcadas” por oferendas, objectos de “adoração” e enterramentos.

²⁵ - S. J. M^a Bello Diéguez & A. Peña Santos (1995). *Galicia na Prehistoria, História de Galicia I*, A Coruña; J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (cap. 3.3); N. Bicho (2006). Ob. cit.; M. Calado (2006). Ob. cit.

²⁶ - M. Calado (1993). Menires, alinhamentos e cromelechs, in J. Medina (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Ed. Ediclube, vol. 1, pp. 294-301; L. F. Gomes & P. S. Carvalho (1997). *A Orca dos Padrões*, Mangualde, ACAB; J. Oliveira & C. D. Oliveira (2000). Menires do distrito de Portalegre, *Ibn Maruan*, 9-10, pp. 147 – 180; M. Calado (2002). Standing stones and natural outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo, in C. Scarre (ed.). *Monuments and Landscape in the Atlantic Europe*, Londres, Ed. Routledge, pp. 17 – 35; M. Calado (2003). Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. I^o Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida; P. Bueno Ramirez & R. de Balbín Behrmann (2003). Imágenes antropomorfas al interior de los megalitos: las figuraciones escultóricas, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. I^o Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.

2.4. Recintos de Menires

Existem, ainda, na Pré-História Peninsular determinados monumentos construídos com vários menires e que normalmente designamos por recintos de pedras fincadas. Dentro destes podemos fazer duas distinções: os alinhamentos e os cromeleques.

Os alinhamentos correspondem a conjuntos de menires alinhados, por vezes formando áreas de circulação pré-definidas (Ex. Terá, Mora e Lavajo I e II, Alcoutim). Este fenómeno é ainda em número reduzido e mal conhecido na Península Ibérica

Quanto aos cromeleques, estes assumem várias dimensões e diferentes formas (circulares, ovóides, quadrangulares, irregulares) e, naturalmente, estão associados a uma grande variabilidade de actividades (cultos solares, lunares, estelares, ritos relacionados com os mortos, entre outros).

De uma forma geral admite-se que este tipo de estruturas teve uma longa diacronia de construção e de utilização, pelo que a sua configuração final deverá resultar de processos de construção episódica, ao longo dos tempos. Neste caso os primeiros recintos de pedra que lhes deram origem poderão ser antigos dentro do Neolítico e os seus processos de ampliação poderão acompanhar as transformações sepulcrais e ideológicas que se verificaram desde o Neolítico Antigo até ao Neolítico Médio/Final de cada região. Bons exemplos do que referimos são os cromeleques do Zambujeiro (Évora), de Almendres II (Évora) e da Portela de Mogos (Évora), no Sudoeste, locais onde alguns menires se “transformaram” em estelas ou em “estátuas-menires”. Para o Noroeste referiremos o paradigmático recinto de estelas do Cabeço da Mina (Vila Flor) provavelmente com uma origem Neolítica apesar de se admitir a sua continuidade pelo Calcolítico ou mesmo Idade do Bronze²⁷.

²⁷ - M. Calado (1993). Menires, alinhamentos e cromelechs, in J. Medina (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Ed. Ediclube, vol. 1, pp. 294-301; M. Calado (1997). Cromeleques alentejanos e arte megalítica, *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica*, Corunha, Ed. Museo Arqueológico e Histórico, pp. 289-297; M. V. Gomes (1997a). Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico, in P. Sarantopoulos (ed.), *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*, Évora, Ed. Câmara Municipal de Évora, pp. 35-40; M. V. Gomes (1997b). Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da humanidade, in P. Sarantopoulos (ed.), *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*, Évora, Ed. Câmara Municipal de Évora, pp. 25-34; S. O. Jorge (1999). Ob. cit. (cap. 2); L. Rocha (2000). O alinhamento de Terá, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996), in V. S. Gonçalves (ed.), *Muitas antas, pouca gente?*, Lisboa, Ed. IPA, pp. 183-194; J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (cap. 3.3); N.

2.5. Os primeiros recintos de fossos

Sob esta designação cabem, naturalmente, sítios com tipologias e significações muito distintas embora todos eles tenham a particularidade de apresentarem fossos, mais ou menos, monumentais. A sua existência é comum na fachada meridional da Península Ibérica, embora este fenómeno seja comum na Europa ocidental.

Sendo os primeiros recintos com fossos atribuíveis ao Neolítico Antigo, como a investigação do Sudeste tem demonstrado²⁸, eles perduram pelo Neolítico Médio/Final, quer no Sudeste, quer no Sudoeste, e persistem durante o Calcolítico. À escala regional ou micro-regional, há especificidades a nível da distribuição no território, das características internas e, talvez, funcionalidades distintas.

Os recintos Neolíticos parecem apresentar a particularidade de terem fossos sinuosos, semi-circulares ou segmentados²⁹. Quanto à sua explicação a proposta dominante, até finais do séc. XX, foi a de que representavam os primeiros povoados sedentários da Pré-História Peninsular, posição que alguns autores ainda defendem³⁰. Mais recentemente, interpretações de cariz pós-processual, tendem a considerá-los lugares cerimoniais ou de culto, agregadores de sociedades, ainda com alguma mobilidade no território, numa perspectiva que há muito se defende para estes recintos, na restante Europa³¹.

Bicho (2006). Ob. cit.; M. Calado (2006). Ob. cit.; J. L. Cardoso & A. Grandim (2006). Os menires do Lavajo (Alcoutim), in N. Bicho (2006). *A Pré-História do Algarve*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 9, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -17, CEIPHAR, pp. 146-147; S. O. Jorge & V. O. J. (2006) Ob. cit. (cap. 4).

²⁸ - T. Orozco Kohler & J. Bernabeu Aubán (no prelo). Los recintos neolíticos como expresión de poder en el mediterráneo peninsular, A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclusera in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.

²⁹ - M. Calado (no prelo). As paisagens transfiguradas. Fossos sinuosos neolíticos no sudoeste peninsular, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclusera in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*; T. Orozco Kohler & J. Bernabeu Aubán (no prelo). Ob. cit.

³⁰ - M. Calado (no prelo). Ob. cit.

³¹ -J. H. Marquez Romero (2002). Ob. cit.; J. H. Marquez Romero (2002). Lugares rituales y magia en la Prehistoria: dos casos singulares, in A. Pérez & G. Cruz (eds.). *Daímon Paredros. Magos y prácticas mágicas en el mundo mediterráneo*, Madrid/Málaga, Ed. Clásicas & Charta Antiqua, pp. 31- 78.

De uma forma geral, todos os autores consideram que estes recintos traduzem a existência de hierarquia social, durante o Neolítico Médio/Final. Para alguns, os fossos correspondendo a um trabalho comunal, seriam indicadores da capacidade de mobilização da força de trabalho, e, por conseguinte, da existência de membros de poder. Para outros a existência de divisão social manifesta-se mais, entre os que poderiam entrar no interior destes recintos e os que assistiam do exterior aos actos aí realizados, assim como entre os que, estando no interior, tomavam parte das actividades na área central e os que apenas as rodeavam. Desta forma, estes recintos podem considerar-se formas arquitectónicas que, criando cenários fechados, influenciam o movimento e a disposição das pessoas no espaço, estabelecendo diferentes códigos de interacção entre os seus construtores e utilizadores e diferentes graus de acesso ao conhecimento das cerimónias aí realizadas³².

Como exemplos citam-se os recintos de Juromenha 1 e Águas Frias (Alandroal) e o de Papa Uvas (Huelva)³³.

³² -J. H. Marquez Romero (2002). Ob. cit.

³³ - M. Calado (2006). Ob. cit.; J. C. Martín de la Cruz & A. Lucena (2003). Problemas metodológicos e interpretativos que plantean los depósitos sedimentarios del yacimiento arqueológico de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 43 (1-2), pp. 151-170.

CAP. III

1. O Calcolítico Peninsular (entre os finais do IV e a segunda metade do III milénios AC): a construção de novas paisagens e lugares

Durante este período, que convencionalmente se baliza entre os finais do IV e o terceiro quartel do III milénios AC, parecem ocorrer alterações profundas na relação do homem com o meio o que revela, naturalmente, mudanças ideológicas e sociais.

De uma forma geral, aumentam de sítios residenciais por toda a Península, frequentemente pouco expressivos em termos arqueológicos, embora surjam os primeiros povoados fortificados, segundo alguns autores. Tal aspecto poderá estar relacionado com o aumento demográfico e com a melhoria e a expansão de uma agricultura cerealífera.

Concomitantemente, o investimento na arquitectura tumular tende a ser menor (com excepções do sul peninsular), ao mesmo tempo que, nalguns lugares, se erguem construções públicas de carácter monumental, em diversas matérias primas, como a terra, a pedra, a argila, a madeira, etc. que resultam de novas percepções e experiencições das comunidades nas paisagens em que se inserem. São agora os novos cenários de excepção, multifuncionais, que assumem o papel de referentes espaciais e de lugares fomentadores de identidade grupal, em detrimento do túmulo megalítico³⁴.

É, ainda, durante este período que surge a metalurgia do cobre.

1.1. Os primórdios da consolidação das práticas agro-pastoris

Quer em termos de estratégias de ocupação do espaço, quer em termos artefactuais, quer em termos de análises paleoambientais, o Calcolítico parece corresponder a um período de maior intensificação das actividades agro-pastoris, de maior sedentarização, do aumento da densidade populacional e, talvez, nalguns locais, da criação de fronteiras territoriais, assumindo diferentes particularidades, consoante as diversos contextos geográficos em que se inserem as populações da Península Ibérica.

³⁴ - S. O. Jorge (1999). Ob. Cit.; S. O. Jorge (2003). Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão, in V. O. Jorge (coord.) *Arquitectando Espaços: da natureza à metapolis*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/CEAUCP(FCT), pp. 63-83; V. O. J. (2003) Ob. cit, (Parte III, cap. 1); V. O. J. (2005) Ob. cit. (Parte III, cap. 9), S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006). Ob. cit. (cap. 4);

Se nalgumas áreas do Sul Peninsular e segundo alguns autores (Ex. J. Marquez Romero 2001) as sociedades ainda não seriam totalmente sedentárias³⁵, noutras parecem evidenciar-se paisagens onde o processo de consolidação agro-pastoril se verifica ao longo do III milénio AC, ou seja, em que as comunidades dependem, em termos de subsistência, essencialmente de uma economia mista, sem prejuízo do exercício de actividades subsidiárias de recollecção, caça ou pesca. Tal processo torna-se perceptível nas estratégias e nas características do povoamento, no aparecimento de estruturas e de recipientes cerâmicos de armazenagem (Ex. Buraco da Pala, Mirandela)³⁶, na introdução dos pesos de tear e das queijeiras, mas também, nas evidências de uma agricultura extensiva, de base cerealífera (sobretudo de várias espécies de trigo e de cevada), completada com leguminosas (favas, ervilhas e lentilhas), onde o linho também aparece. A criação de gado, de ovinos e de caprinos, maioritária, é acompanhada de bovídeos, de suínos e de cavalos, em menor escala.

É provável que o arado se tenha introduzido por esta altura, assim como a utilização da tracção animal e dos canais de irrigação, sobretudo no sul peninsular, onde estas novidades parecem chegar mais cedo do que o Noroeste.

Apesar destas alterações mantêm-se a importância da recollecção de produtos terrestres ou marítimo-fluviais, evidenciada, no primeiro caso, pela descoberta de figos, medronhos, pinhões, avelãs, rabanetes e de bolotas, etc. assim como da caça a veados, javalis, entre outros animais de médio e pequeno porte³⁷.

³⁵ - J. E. Marquez Romero (2001). De los "campos de silos" a los "agujeros negros": sobre pozos, depósitos y sanjas de la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología da Universidad de Sevilla*, 10, pp. 207-220.

³⁶ - M. Jesus Sanches (1997b). *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols, Porto, Ed. SPAE.

³⁷ - M. Ángeles del Rincón (2005). El Calcolítico y la Edad del Bronce, in I. Barandiarán *et alii* *Prehistoria de la Península Ibérica*, Ariel Prehistoria (Cap. 3, tema 3.2.2); R. Fábregas Valcarce *et alii* (2003). Environmental change and social dynamics in the 3rd millenium BC in NW ibéria, *Journal of Archaeological Sciences*, 30, pp. 859 – 871; J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (cap. 4.1); A. M. S. Bettencourt *et alii* (2007). A ocupação do território e a exploração dos recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve; M. J. Sanches, S. Nunes & D. Pinto (2007) Trás-os-Montes (Norte de Portugal) – As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro,

Há que referir que estas alterações não se verificaram todas em simultâneo, pelo que, na média ou pequena escala de análise, terão existido zonas menos tocadas por estas modificações, numa Península com um desenvolvimento assimétrico.

1.2. O aparecimento e o papel social da metalurgia do cobre

A metalurgia do cobre tem, provavelmente, uma origem meridional e autóctone, tendo em conta de que é no Sudeste e no Sudoeste que as mineralizações de cobre, os artefactos e os indícios de fundição são mais abundantes e antigos. Posteriormente ter-se-á expandido para o Centro e Norte peninsular onde está presente em vários contextos, quer nos finais do IV, quer na primeira metade do III milénio AC.

Um dos objectos mais frequentes em cobre é o machado plano, uma peça que imita os machados e as enxós em pedra, embora possam aparecer diferentes tipos de punhais e pontas de lança de tipo Palmela.

Numa perspectiva global, admite-se que a produção metalúrgica reflecte um fenómeno complexo em que participam aspectos materiais, técnicos, sociais e simbólicos, assim como um conjunto de acções associadas a novos mecanismos de poder. A manipulação destes novos símbolos vai-se acentuando até aos finais do Calcolítico, momento em que os artefactos metálicos aumentam e se diversificam e se associam a um novo ícone de poder - o vaso campaniforme nas suas diferentes manifestações.

Se estas premissas se aplicam em termos gerais também é verdade que, em termos regionais, a presença do metal pode não ter tido sempre o mesmo significado, pois poderiam ter existido comunidades que, numa primeira fase, apenas usariam estes artefactos como mais um *item* exótico sem que tal fosse reflexo de grandes alterações sociais. De qualquer forma, a circulação de artefactos ou de minério de cobre, por toda a Península, pressupõem que as comunidades calcolíticas estivessem interligadas através de redes de intercâmbio de carácter supra-regional, o que se pode documentar, igualmente, pela quantidade de outros produtos, de matérias-primas ou de ideias alógenas que circularam entre diferentes regiões. Referimo-nos, por exemplo, à transacção do sílex ou de artefactos nesta matéria-prima e à circulação de objectos com

in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve.

motivos oculados (recipientes cerâmicos, ídolos de pedra, placas de xisto, placas de barro, falanges de cervídeos, etc.) e da própria simbologia que lhe está veiculada, por diferentes regiões e contextos culturais, o que acentua o carácter de excepção e o grande valor social de algumas matérias-primas e ideias³⁸.

1.3. Lugares de enterramentos e práticas funerárias: diferentes contextos e sentidos

Durante o Calcolítico Peninsular, os lugares de enterramento e as práticas funerárias acusam algumas continuidades com o Neolítico, sendo, por vezes, as rupturas muito evidentes. Tal está de acordo com a premissa de que neste período surgem novas concepções ideológicas e modos de “implicar-se” com a paisagem inovadores. De qualquer forma este fenómeno é muito disparo em termos peninsulares pelo que será abordado em termos regionais. Em primeiro lugar, referiremos a fachada meridional da Península e, em segundo, privilegiaremos o Noroeste peninsular.

1.3.1. O Sul

Nesta região, destacaremos, desde já, o grande polimorfismo de estruturas e das práticas de enterramento. Sintetizando, destacaremos os seguintes aspectos: continuidade de utilização de túmulos megalíticos anteriores (Ex. Anta II do Rego da Murta, Alvaiázere); continuidade de uso das grutas naturais (Ex. Lapa do Bugio, Sesimbra); continuidade de uso dos hipogeus (Ex. Necrópole da Quinta do Anjo, Palmela); construção de monumentos de falsa cúpula/*tholoi*, isolados, em contexto de necrópoles megalíticas anteriores (Ex. conjuntos sepulcrais de Olival da Pega 2 e da Anta 2 da Comenda, ambos em Reguengos de Monsaraz), inseridos ou nas proximidades de recintos plurifuncionais (Ex. Perdigões, Reguengos de Monsaraz; Alcalar, Portimão; Los Millares, Andaluzia; La Pijotilla, Badajoz). Ocorrem, também, enterramentos primários e secundários, em fossas, no interior de recintos de fossos.

³⁸ - Cf. S. O. Jorge (1990, ob. cit, cap. 4); Beatriz Comendador Rey (1998). *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*, Brigantium – 11, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha (cap. 7); M. Ángeles del Rincón (2005). El Calcolítico y la Edad del Bronce, in I. Barandiarán *et alii Prehistoria de la Península Ibérica*, Ariel Prehistoria (Cap. 3, tema 2.2 e 3.2.3); J. L. Cardoso (2002, ob. cit, cap. 4.2).

As práticas mortuárias relacionam-se, em grande parte, com enterramentos colectivos, sucessivos, primários ou secundários, sendo mais frequentes os enterramentos individuais na fase final do Calcolítico, acompanhando o que se designa por fenómeno campaniforme³⁹.

1.3.2. O Noroeste

Para o Noroeste, os dados permitem uma interpretação distinta. Por um lado, parece não haver continuidade de tumulação nos dólmenes de corredor, salvo raras excepções, pelo menos, até ao Calcolítico Final/Bronze Inicial (Ex. Dólmen de Chafé, Viana do Castelo). Por outro, é possível que se tenham construído, quer no território sagrado das grandes necrópoles megalíticas, quer em lugares ocupados de novo, pequenas câmaras cistóides sob *tumuli* (Ex. Ilhade 3, Forgoselo 1 e estrutura cistóide de Agro de Nogueira, todas na Corunha) ou atípicas (Guidoiro, Pontevedra), durante o III milénio AC. Em alguns locais aparecem enterramentos em fossas abertas em monumentos sepulcrais mais antigos ou nas suas imediações (Ex. Ilhade 0, 2 e 5, Corunha; Mamoia 5 do Leandro, Maia).

Nas áreas mais interiores, onde escasseiam ou são inexistentes os túmulos megalíticos, verificam-se soluções funerárias díspares, como é o caso de enterramentos em gruta (Ex. Lorga de Dine, Vinhais), em cistas rectangulares de inumação individual, sem *tumuli* (Ex. Vale da Cerva, Vila Nova de Foz Côa) e enterramentos secundários colectivos, de deposição sucessiva, em estruturas pétreas, no interior de recintos murados (Ex. Castelo

³⁹ - A. Valera *et alii* (1998). Ambientes funerários no complexo dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo, *Era Arqueologia*, 2, Lisboa, pp. 84-105; V. S. Gonçalves (1999). *Ob. cit.*; S. O. Jorge (1999). *Ob. cit.* (cap. 3); J. L. Cardoso (2002). *Ob. cit.* (cap. 3.3 e 4.2); J. H. Marquez Romero (2002). *Ob. cit.*; J. Soares (2003). *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e Assembleia Distrital de Setúbal; A. Figueiredo (2006). *Complexo Megalítico do Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (V-IIº milénios AC). Problemáticas e Interrogações*, Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada); N. Bicho (2006). *Ob. cit.*; M. Calado (2006). *Ob. cit.*; J. E. Marquez Romero (2006). Sobre los depósitos estructurados de animales en yacimientos de fossos del Sur de la Península Ibérica, *in* N. Bicho (ed.), *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004*, Faro, pp. 15-25; J. E. Marquez Romero (2004). Muerte ubicua: sobre deposiciones de esqueletos humanos en zanjas y pozos en la prehistoria reciente de Andalucía, *Mainake*, 26, pp. 115-138.

Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa)⁴⁰. Para o fim do Calcolítico, há que referir o aparecimento do “fenómeno campaniforme”, que surge agora em vários tipos de contextos sepulcrais como os monumentos com câmaras pequenas sob *tumuli*, medianamente visíveis na paisagem (Ex. Chã do Carvalhal 1, Baião), ou e os dólmenes com corredor, encerrados durante o Neolítico (Ex. Pedreira/S. Romão do Neiva 1, Viana do Castelo, Mamoas 2 e 5 do Leandro, Maia)⁴¹.

1.3.3. A Meseta Norte

É pertinente fazer uma breve referência sobre as estruturas e práticas funerárias na Meseta Norte, dado que se encontra no prolongamento do Trás-os-Montes e Alto Douro. Aqui, além da continuação de enterramentos em alguns dólmenes (nas áreas onde existem) ou em grutas, aparecem enterramentos primários e secundários, em fossas abertas no saibro, por vezes utilizando estruturas anteriores, como silos existentes no interior de espaços residenciais. De uma forma geral, pode considerar-se que, nesta região, os enterramentos mais comuns são os colectivos, em estruturas singelas e pouco ou nada evidentes na paisagem, embora algumas tumulações individuais indiquem o aumento da hierarquia social no seio de comunidades com economia mista, característica que parece acentuar-se na fase final do Calcolítico, no momento em que se difunde o “fenómeno campaniforme” que aqui assumirá especificidades regionais, com o desenvolvimento do estilo Ciempozuelos associado a inumações individuais, quer em fossas, quer reutilizando alguns monumentos megalíticos, entretanto encerrados⁴².

⁴⁰ - D. J. Cruz (1995). Ob. cit.; M. T. Antunes & A. S. Cunha (1998). Restos humanos do Calcolítico – Idade do Bronze de Castelo Velho, de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal) – nota preliminar, *Côavisão. Cultura e Ciência*, nº 0, Foz Côa, pp. 35-42; S. O. Jorge (1999). Ob. cit.; R. Fábregas Valcarce & X. I. Vilaseco (2006) Ob. cit.; S. O. Jorge (2006). *O Passado é redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*, Porto, Edições Afrontamento (cap. 2, pp. 97 – 103); S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006). Ob. cit. (cap. 4).

⁴¹ - D. J. Cruz (1992). *A mamoas 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, Coimbra, Ed. Inst. de Arq. da Fac. de Letras; E. J. Silva (1994). Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto, *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*, Mangualde, pp. 157 – 169; S. O. Jorge (1999). Ob. cit. (cap. 3); S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006). Ob. cit. (cap. 4).

⁴² - J. F. Fabián Garcia (1995). *El aspecto funerário durante el Calcolítico y los inicios de la Edad del Bronce en la Meseta Norte*, Ed. Universidad de Salamanca; G. Delibes & J. Fernández. Manzano (2000). La trayectoria cultural de la Prehistoria Reciente (6400-2500 B.P.) en la submeseta Norte española:

Apesar da grande diversidade regional, o que parece configurar-se em alguns locais da península, é uma postura perante a vida distinta da do período anterior, em que a “arquitetura dos mortos” perde importância e visibilidade como elemento referenciador das populações no espaço para ser substituída por outros cenários, certamente mais adequados às novas concepções ideológicas.

1.4. Os recintos monumentais murados e de fossos: características e propósitos sociais

Os recintos murados e de fossos ocorrem em diferentes contextos culturais da fachada mais ocidental, do Sul e do Sudeste da Península Ibérica, embora com paralelos na restante Europa. Foram construídos, essencialmente, entre os finais do IV e os inícios do III milénios AC apesar de a sua frequência se ter prolongado, por vezes, até ao II milénio AC.

Em termos das suas características a distinção entre recintos murados e de fossos corresponde a uma divisão arbitrária pois há recintos simultaneamente murados e com fossos (Ex. Monte da Ponte, Évora), sendo possível que estes dois tipos de manifestações se associem, em termos de dinâmicas regionais, pelo que a sua divisão é, por vezes, meramente operativa.

No quadro do povoamento Calcolítico a interpretação destes lugares com arquitecturas de grande complexidade (em pedra, em pedra e argila, em madeira e argila) transformados e remodelados ao longo das centenas de anos de utilização, é uma das problemáticas mais interessantes da Pré-História Peninsular e Europeia.

Assim sendo, a sua interpretação não é pacífica e resulta de várias posturas teóricas de pensar as materialidades⁴³.

principales hitos de un proceso, *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV, Porto, ADECAP, pp. 95-112; J. F. Fabián Garcia (2006). *El IV y III milénio AC en el Valle Amblés (Ávila)*, Monografías. Arqueologia en Castilla y León – 5, Junta de Castilla y León.

⁴³ - Vd. S. O. Jorge (1994). Colónias, fortificações, lugares monumentais. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, 9, Porto, pp. 447 – 546; A. Whittle (1996). *Europe in the neolithic. The creation of new worlds*, Cambridge, Ed. Cambridge University Press (cap.9); S. O. Jorge (1999), Ob. cit. (cap. 3); J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (cap. 4.1); S.

Numa perspectiva processual, os sítios murados têm sido considerados povoados fortificados funcionando, simultaneamente, como “marcadores da paisagem e do território que lhes estavam adscritos”, como símbolos de prestígio e como pólos identitários, agregadores e estáveis e com funções defensivas ou de dissuasão face à instabilidade social e a possíveis hostilidades provocadas pela consolidação do sistema agro-pastoril e pelo aumento demográfico. Nesta sequência, estabelece-se uma articulação funcional e de complementaridade entre os povoados abertos e os fortificados, constituindo-se, estes últimos, como pólos aglutinadores das populações num determinado território.

Numa concepção de raiz marcadamente marxista, os sítios murados da Estremadura portuguesa, muito abundantes e, em média, com 1 hectare, resultariam de uma forte competição pelo território e pelos recursos, protagonizada por pequenas comunidades que não teriam ainda adoptado estratégias de povoamento hierarquizadas. Tal situação estaria na base de um estado de conflito “total”, resultante da emergência das desigualdades sociais e da ausência de um poder centralizador que fosse capaz de controlar grandes áreas territoriais.

Na perspectiva pós-processual, um recinto monumental é um local especial, portador de uma “biografia” conhecida pela comunidade, no qual, para a sua construção e manutenção, terá sido investida uma força de trabalho significativa. Situados em locais proeminentes ou em áreas aplanadas, as suas características construtivas, em pedra, argila ou terra, ou combinando várias técnicas, ter-lhe-iam conferido visibilidade, tornando-os, assim, os novos “marcos orientadores” e referentes da movimentação e da percepção cognitiva da paisagem. Nestes lugares comunitários de reunião, de múltiplas funções, e, provavelmente, com forte carga identitária, as acções de planear, de construir e de reconstruir, associadas a outros actos comemorativos e a práticas corporais, devem

O. Jorge (ed.) (2003). *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*, Porto/Coimbra, Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto; C. T. Silva & J. Soares (2006). Setúbal e Alentejo litoral Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 7, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo - 19, CEIPHAR (cap. 5); V. O. Jorge *et alii* (2006). Cooper Age “monumentalized hill” of Ibéria: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as result of a research experience in the NE of Portugal, in V. O. Jorge *et alii* (eds.) *Approaching “Prehistoric and Protohistoric architectures” of Europe from a “dwelling perspective”*, Porto, Ed. ADECAP, pp. 203-264.

ter contribuído para tornar estes lugares teatros onde se perpetua a memória colectiva e se negoceia o poder.

É possível que muitos destes lugares já tivessem sido consagrados pelas comunidades antes da sua transformação, quer pela topografia imponente dos locais onde se implantaram (Ex. Crasto de Palheiros, Murça; Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa; Fraga da Pena, Fornos de Algodres; Los Millares, Almeria), quer por outras características que, por ora, se desconhecem. Também se admite que estes lugares, pelo seu significado público e pelas acções diárias que implica a sua manutenção e salvaguarda, poderiam ser habitados por um grupo restrito a quem a comunidade conferiria poderes para tal.

Como casos de estudo paradigmáticos, escolhemos o de Castelo Velho de Freixo de Numão, em Vila Nova de Foz Côa⁴⁴ e o de Leceia, em Oeiras⁴⁵, pelas perspectivas interpretativas distintas que têm suscitado, por parte dos seus escavadores (recintos cerimoniais, povoados fortificados).

⁴⁴ - S. O. Jorge (1998). Castelo Velho de Freixo de Numão (V. Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, 6, CEPBA, pp. 279 – 293; S. O. Jorge (2002). Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórica do Norte de Portugal, *Património-Estudos*, 3, IPPAR, pp. 145 – 164; S. O. Jorge (2003). Pensar o espaço da pré-história recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, S. O. Jorge (ed.) *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*, Porto/Coimbra, Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, pp. 13- 50; S. O. Jorge (2006). *O passado é redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*, Porto, Ed. Afrontamento.

⁴⁵ - J. L. Cardoso (1997). *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio, antes de Cristo*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, Lisboa/Oeiras; J. L. Cardoso (2000). *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras; J. L. Cardoso (2003). *Povoado pré-histórico de Leceia, no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*, Câmara Municipal de Oeiras; J. L. Cardoso (2003). Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), no quadro da investigação e divulgação do património arqueológico nacional, in S. O. Jorge (ed.) *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 199 – 224.

Embora tenham surgido no Neolítico, os “recintos de fossos” tornam-se comuns em toda a fachada ocidental da Península Ibérica, durante o Calcolítico, tendo em conta as recentes descobertas efectuadas no Noroeste⁴⁶, embora sejam mais representativos no Sudoeste, no Sul e no Sudeste.

Estes lugares podem atingir vários hectares (16 a 100) e grande complexidade construtiva, com fossos, frequentemente múltiplos, de traçados diversos (sinuosos, rectilíneos, concêntricos, etc.) não sendo raro encontrar soluções díspares no mesmo local, pelo que a forma final pode resultar de um processo de adição. Alguns deles teriam muralhas de adobe. No seu interior, são frequentes fossas e poços, abertas no saibro, ou necrópoles, embora estas também possam aparecer apenas nas suas imediações. O debate que sobre estes sítios têm ocorrido nos últimos anos, permite a pluralidade de interpretações que sobre eles existe (primeiros povoados sedentários, locais para circulação e captação planificada das águas, povoado com funções de “centro de poder”, “lugares centrais” em sistemas de povoamento hierarquizado com funções agregadoras de uma determinada comunidade local e com poderes políticos, económicos e religiosos, recintos associados a dinâmicas rituais ou cerimoniais)⁴⁷ demonstrando-se,

⁴⁶ - De registar o aparecimento de um recinto circundado por um fosso e algumas pedras, em Montenegro (Pontevedra, Galiza), inserido no Neolítico Final regional (cronologia que corresponde ao Calcolítico deste relatório), segundo C. Gianotti Garcia & C. Cancela Cereijo (2005). Testemuña da ocupación humana durante o Neolítico Final e o período Alto-Medieval na Península do Morrazo, in F. Criado Boado & E. Cabrejas Domínguez (coord.) *Obras Públicas e Património: Estudo Arqueolóxico do corredor do Morrazo. Tapa* - 35, Santiago de Compostela, pp. 50 - 54; M. Tabarés Domínguez & S. Baqueiro Vidal (2005). Estudo da cultura material do xacemento de Montenegro, in F. Criado Boado & E. Cabrejas Domínguez (coord.) *Obras Públicas e Património: Estudo Arqueolóxico do corredor do Morrazo. Tapa* - 35, Santiago de Compostela, pp. 117-119; F. Criado Boado *et alii* (no prelo). Neolithic spatiality: concept and materiality, in A. C. Valera & L. Shaw Évangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*. Também no Douro Litoral, no concelho da Maia, apareceu, recentemente, um sítio com fossos e fossas, atribuíveis a este período, apresentado, em parte, na comunicação de A. Valera e João Rebuge, intitulada *O recinto de fossos da Pré-História Recente da Barca (Maia): trabalhos da ERA Arqueologia S.A.*, no âmbito do Colóquio ERA Arqueologia/6, 2 e 3 de Março de 2007, em Lisboa.

⁴⁷ - Sobre o assunto consultar R. Parreira (1997). Alcalar – o território, os lugares habitados e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a.C., *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa Ed. IPPAR, pp. 191-206; J. Márquez Romero (2006). Neolithic and Copper Age ditched enclosures and social inequality in the south of the Iberian Peninsula (IV-III millennia cal BC), in P. Díaz-de-Río & L. Garcia Sanjuán (ed.) *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, BAR International Series 1525, pp. 171 – 187; V. Jiménez

mais uma vez, o carácter interpretativo do conhecimento e a ligação entre a prática e a teoria.

Com exemplo deste tipo de lugares assinalamos os recintos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), de Alcalar (Portimão), de La Pijotilla (Badajoz) e o de Valência de la Concepción (Sevilla).

Em suma, para além da disparidade de interpretações suscitadas sobre o papel social destas estruturas monumentais, a uma ampla escala de análise, estas construções parecem corresponder a elementos de marcação do território capazes de contribuir para a construção identitária no seio de sociedades com um modo de vida agro-pastoril bem desenvolvido e com hierarquia social bem patente, numa perspectiva cosmológica que se distancia da dos construtores de monumentos megalíticos anteriores.

Salientamos, ainda, que as explicações generalizadoras podem ser pouco operativas, sendo possível que, consoante as dinâmicas regionais⁴⁸, as funcionalidades destes sítios possam ser distintas. Neste sentido, o que se torna fundamental é perspectivar as acções e as interacções que permitiram que estes recintos fossem construídos e usados e se

Jáimez & J. E. Márquez Romero (no prelo). "Aquí no hay quien viva". Sobre las casas-pozo en la Prehistoria de Andalucía durante el IV y el III milenios AC, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología da Universidad de Sevilla*; E. Morán (no prelo). Organización espacial do povoado calcolítico de Alcalar, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*; M. Castro & F. Hornos (no prelo). La zona arqueológica de Marroquíes Bajos, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*; F. Criado Boado et alii (no prelo). Neolithic spatiality: concept and materiality, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*; V. Hurtado (no prelo). El territorio de Tierra de Barros (Badajoz, España) en el III milenio A.N. E. desde la perspectiva del modelo Centro-Periferia, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*; J. E. Márquez Romero (2007). La problemática de los yacimientos de fosos de la Prehistoria Reciente en el sur de España, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve (no prelo).

⁴⁸ - P. Díaz-del-Río (no prelo). Taking variability seriously: scaling the context of Copper Age aggregations in Iberia, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.

inserir numa paisagem mais alargada. Deste modo, apesar da visão algo fragmentada entre túmulos e recintos/povoados que resulta de uma metodologia de apresentação dos resultados, é necessário ter em conta que estes diferentes tipos de monumentos, assim como os outros vestígios arqueológicos que com eles se inter-relacionam, deverão ser estudados em conjunto, em cada uma das regiões onde ocorrem, para uma visão mais holística das comunidades que os construíram e frequentaram.

CAP. IV

1. A Idade do Bronze Inicial e Médio (dos finais do III aos finais do II milénios AC) e a nova ordem do Mundo

O estudo da Idade do Bronze é de extraordinária importância para o entendimento da transformação sistemática da paisagem peninsular e europeia, tendo em conta que, por detrás de uma invisibilidade aparente do registo arqueológico (com excepção do Sudeste peninsular) se “esconde” uma nova forma de estar e de interagir com o meio mais incisiva do que a verificada no Calcolítico.

Trata-se de um período onde se nota uma progressiva sedentarização das populações, inter-relacionada com uma consolidação das práticas agrícolas, pastoris e de extracção da floresta e do mato, assim como um desenvolvimento da metalurgia e da ourivesaria, factores directamente relacionados com uma profunda antropização do meio e a diminuição acentuada do bosque primitivo que se verifica por toda a Europa.

Se, de uma forma geral, nos inícios da Idade do Bronze ainda persistem algumas ocupações em recintos monumentais de origem anterior, e os povoados parecem ser dispersos e de dimensões relativamente pequenas, a partir do Bronze Médio estes tornam-se mais frequentes e, não raro, de grandes dimensões, acusando uma maior sedentarização e indiciando que serão agora os novos cenários de representação da identidade social.

O estudo das práticas funerárias durante este período é de grande importância na medida que parece acompanhar e “reflectir”, em termos sociais, estas novas formas de interacção com o meio. Apesar da invisibilidade arquitectural do fenómeno tumular durante toda a Idade do Bronze, com excepção de algumas expressões do sudoeste peninsular, o papel social de alguns cadáveres parece ser muito importante como forma de legitimar e marcar a ocupação de novos territórios, apenas durante o Bronze Inicial. Durante o Bronze Médio, à medida que se desenvolve um povoamento mais sedentário e se vão consolidando os processos de territorialização, os tipos de sepulturas, a sua localização e as oferendas mortuárias tornam-se discretas o que permite pensar que o cadáver e a morte assume novos papéis sociais.

A “colonização” de novos territórios, durante a Idade do Bronze, por motivos históricos e culturais, de subsistência, de exploração de novos recursos ou do aumento de outros, como os minérios de cobre, estanho, ouro, prata, etc., terão potenciado uma profunda transformação da paisagem, assim como o desenvolvimento de fronteiras físicas e mentais mais definidas, que se negociariam ou “marcariam”, quer em termos físicos, quer simbólicos, através de diversas manifestações, como por exemplo, os depósitos metálicos, as expressões de “arte rupestre” ou as estelas e as estátuas-menires, materializações da nova cosmovisão.

1.1. A generalização e consolidação das práticas agro-pastoris

Apesar da opacidade das materialidades durante a Idade do Bronze Inicial e Médio, os resultados de análises polínicas, antracológicas e paleocarpológicas, têm indiciando uma grande acção antrópica sobre o território, sobretudo a partir de 3500 BP, ou seja, desde a transição do III para o II milénio AC, com a diminuição progressiva do coberto vegetal arbóreo primitivo, o aumento de plantas sinantrópicas ou daninhas e a presença de cereais combinados com leguminosas. Tal tem possibilitado colocar a hipótese da existência, a partir dos finais do Bronze Inicial e do Bronze Médio, do franco desenvolvimento do processo de consolidação e sistematização das actividades agro-silvo-pastoris, como também de um aumento demográfico. Aliás, estes são fenómenos que parecem verificar-se, igualmente, na Europa Temperada.

1.2. O aparecimento da metalurgia do bronze

A metalurgia do cobre e o aparecimento da metalurgia do bronze será o *item* que se segue, dada a grande disparidades existentes entre o Norte e o Sul peninsular, em relação à adopção da metalurgia do bronze. Esta prática ter-se-á iniciado mas cedo no Noroeste, rico em estanho, do que na fachada meridional da Península, rica em cobre e com largas tradições metalúrgicas em artefactos de cobre. É provável que a introdução do bronze se tenha verificado pelos inícios do II milénio AC, por influência dos contactos com o mundo atlântico da Bretanha e do Sul das Ilhas Britânicas, onde esta prática é bem conhecida desde cedo.

É difícil imaginar o impacto que tiveram os primeiros objectos em bronze, ao exigirem ligas de diferentes minérios metálicos, como o estanho e o cobre, mas é de presumir que,

desde o início, se tenham tornado símbolos de prestígio e de poder. Num momento em que as sociedades não distinguiriam sagrado e profano, sendo a vida diária altamente ritualizada, encontrar e extrair o minério na natureza, transformar a pedra em metal, efectuar ligas com sucesso, terá conferido aos protagonistas desta actividade e ao próprio objecto, um carácter profundamente mágico. Talvez, por esse motivo, a maioria dos primeiros artefactos em bronze, sejam machados planos, um tipo de objecto já ritualizado no Neolítico, onde era elaborado com pedras exóticas, sendo, também, um dos artefactos, em cobre, mais comuns, durante o Calcolítico. Deste modo cabe salientar a hipótese de que o carácter especial dos artefactos em bronze poderá justificar o facto de serem, usualmente, encontrados em depósitos, uma manifestação de ritualização de novos lugares na paisagem, frequente durante o Bronze Médio do Centro e Norte Peninsular e que parece substituir os depósitos em cobre do Nordeste transmontano, por exemplo, ou as gravuras de armas sobre penedos, no Noroeste.

Como depósito entende-se a ocultação e amortização de artefactos de grande valor social, que poderão interpretar-se como possíveis oferendas efectuadas a divindades e realizadas em lugares presumivelmente sagrados ou de valor simbólico.

1.3. As novas ideologias e a criação de novos cenários de representação e de poder

O desenvolvimento de novas cosmogonias ou visões do mundo estão, intrinsecamente, inter-relacionadas com a nova forma como as comunidades experienciaram e vivenciaram a paisagem. Com excepção do Sudeste, as sociedades parecem dispensar a monumentalidade das “estruturas construídas”, como forma simbólica de marcação, afirmação, legitimação e domesticação do espaço. Os novos cenários de referência destas comunidades, profundamente agrícolas e pastoris, muito dependentes e conhecedoras da terra, seriam mais “discretos”, embora díspares de região para região. A legitimação de ocupação de novos espaços poder-se-ia ter efectuado através de uma grande quantidade de acções e de ritos que indiciam a importância de alguns espaços naturais. Tal ter-se-ia materializado no depósito de artefactos metálicos em zonas aquáticas, sob afloramentos ou na terra; no depósito de alguns mortos de grande valor social em sítios concretos; na colocação de estelas ou de estátuas-menires em determinados vales e na apropriação simbólica de antigos territórios sagrados, como os lugares com gravuras rupestres, quer os relacionados com o mundo dos mortos.

Esta nova forma das comunidades se implicarem com o espaço estará certamente relacionada, também com a emergência de novas práticas ligadas com a simbologia do poder e com mecanismos de reforço da identidade, numa sociedade em que se crê existir um aumento do sentido de territorialização e da hierarquia social de carácter horizontal.

1.4. As particularidades peninsulares: o Noroeste

Para melhor ilustrarmos o que foi dito anteriormente passaremos à análise de diversas regiões peninsulares. Este estudo, para além de sedimentar os conhecimentos transmitidos nos pontos anteriores, servirá para que se possa reflectir sobre a diversidade de situações existentes na Península, durante o Bronze Inicial e Médio. De igual modo poderão percepcionar-se diversas hipóteses interpretativas existentes sobre estes períodos.

A primeira região a ser abordada será o *Noroeste* peninsular que compreende uma vasta área desde as Beira Litoral e a Beira Alta (a Sul), até à Galiza (a Norte) e às Astúrias ocidentais (a Este).

Trata-se de uma região de grandes relevos montanhoso que descem paulatinamente até ao mar, entrecortada por importantes vales que correm normalmente de NE para SW ou de S para N. É rica em recursos mineiros metálicos, como o estanho e o ouro, na fachada mais ocidental, e em cobre, nas Astúrias. Em muitos locais da plataforma litoral foi possível a extracção de sal, como se documenta em Carreço - Praia, Viana do Castelo.

Uma das grandes problemáticas para a Idade do Bronze do Noroeste é a da existência ou não de uma recessão económica para o Bronze Médio. Durante muito tempo, afirmou-se que este período se pautava por uma ausência de dados, com excepção de alguns artefactos metálicos em bronze, encontrados em depósitos ou avulso. Estas características, associada ao conhecimento de túmulos atribuíveis ao Bronze Inicial com oferendas em ouro e cobre, serviram para que muitos autores defendessem a hipótese de que este período teria correspondido a um momento de crise ou de recessão económica e demográfica. Esta situação estaria associada a uma economia de auto-consumo, baseada na sazonalidade, em articulação com um modo de vida essencialmente pastoril e uma agricultura de corte e de queimada praticada em itinerância e de carácter misto.

Como consequência, os sítios residenciais seriam frustrados, daí a sua invisibilidade em termos arqueológicos⁴⁹.

Projectos recentes, coordenados pela autora, permitiram verificar que a falta de informação para este período resultava, essencialmente, de problemas metodológicos de interpretação dos dados, assim como da ausência de investigação sobre o mesmo. Nos últimos anos, detectaram-se diversos sítios residenciais do Bronze Médio, desde pequenos acampamentos nas áreas de montanha (Ex Penedos Grandes I, Arcos de Valdevez), talvez associados à pastorícia; a povoados de meia vertente (Ex. Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros) relacionados com a fundição de artefactos de bronze; a povoados, por vezes com alguns hectares, em áreas conectadas com vales ou planaltos com boas potencialidades agrícolas (Ex. Sola IIa e IIb, Braga; Areias Altas, Porto; Lavra, Matosinhos; Cimalha, Felgueiras; Tapada da Venda, Celorico de Basto; Bouça do Frade (1ºs momentos de ocupação) Baião; etc.). Também na Galiza há diversas jazidas, anteriores ao Bronze Final, na bordadura da orla litoral ou de vales com potencialidades agrícolas (Ex. O Fixon-Costa da Seixeira, Pontevedra; Monte das Carballas, Pontearreas; Portocelo, A Guarda). Cabe destacar a ocupação de alguns abrigos ou de grutas cujo significado se desconhece (Ex. Buraco da Moura de S. Romão, Seia e Pala da Vella, Ourense)⁵⁰.

⁴⁹ M. Martins (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 5, Braga; R; M. Ruiz-Gálvez Priego (1990). Canciones del muchacho viajero, *Veleia*, 7, pp. 79 – 103; M. Ruiz-Gálvez Priego (1991). Songs of a wayfaring lad. Late Bronze Age Atlantic exchange and the building of the regional identity in the west Iberian Peninsula, *Oxford Journal of Archaeology*, 10 (3), Oxford, pp. 277 – 306; M. Calado (1993) A Idade do Bronze, J. Medina (dir.), *História de Portugal. O Mundo Luso-Romano*, Ed. Ediclube. vol. 2, pp. 327 – 353; A. C. F. Silva & M. V. Gomes (1993). *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Universidade Aberta - 57; R. Fábregas Valcarce & M. Ruiz-Gálvez Priego (1994). Ambitos funerario y doméstico en la prehistoria del no de la Península Ibérica, *Zephyrus*, 45, Salamanca, pp. 143 – 159; M. Ruiz-Gálvez Priego (1995). El noroeste de la Península Ibérica en el contexto de la prehistoria reciente de Europa Occidental, *Actas del Congreso Nacional de Arqueología* (Vigo 1993), 1, pp. 11 - 16.

⁵⁰ - J. Cano Pan & J. M. Vázquez Varela (1988). Portecelo, un yacimiento de la edad del bronce, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, pp. 181 – 187; J. Cano Pan (1989). Xacementos de Portecelo (O Rosal) e de Fiales (Oia, Pontevedra), *Arqueoloxía/Informes.Campaña 1987*, 1, pp. 20 – 24; J. Cano Pan & J. M. Vázquez Varela (1991a). El aprovechamiento del mar en los castros costeros de Lugo (Galicia), in F. Queiroga & A. Dinis (ed.) *Paleoecología e Arqueología II*, Vila Nova de Famalicão, pp. 71 – 75; J. Cano Pan & J. M. Vázquez Varela (1991b). La economía de un yacimiento del comienzo del Bronce Final: Portecelo (O Rosal, Pontevedra), in F. Queiroga & A. Dinis (ed.), *Paleoecología e*

Arqueologia II, Vila Nova de Famalicão, pp. 205 – 208; J. Meireles (1992). *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, Braga; J. C. Senna-Martinez (1993). A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão, *Trabalhos de Arqueologia da E. A. M.*, 1, Lisboa, pp. 55 – 75; J. Suárez Otero (1993). O Fixón: una nueva perspectiva del bronce inicial en Galicia, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Vigo, Vigo, 2, pp. 57 – 67; J. C. Senna-Martinez (1995). The late prehistory of Central Portugal: a first diachronic view, in K. Lillios (ed.) *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, Michigan, Ed. International Monographs in Prehistory, pp. 64 - 94; C. Fernández Rodríguez *et alii* (1996). Primeros datos cronológicos y paleontológicos del yacimiento de Pala da Vella (Biobra-Ourense), in P. Ramil Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.). *Biogeografía Pleistocena - Holocena de la Península Ibérica*. Xunta de Galicia. Santiago, pp. 249-260; R. Fábregas Valcarce & M. L. Ruíz-Gálvez Priego (1997). El Noroeste de la Península Ibérica en el IIIº y IIº milénios AC: propuestas para una síntesis, *Sagvntvm*, 30, pp. 191 – 216; J. Suárez Otero (1998). Cerâmicas e cultura na Idade do Bronze en Galicia, R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 81 – 103; Ana M. S. Bettencourt (2000). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga; Ana M. S. Bettencourt, António Dinis, Isabel Sousa e Silva, Carlos Cruz & José Pereira (2002a). A estação arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001, *Portugália*, n. série, nº 23, Porto, pp. 185 – 198; A. M. S. Bettencourt, A. Dinis, I. Sousa e Silva, C. Cruz, J. Pereira & J. Martins (2002). A estação arqueológica dos Penedos Grandes, Arcos de Valdevez (Norte de Portugal): notícia preliminar, *Portugália*, n. série, nº 23, Porto, pp. 199 – 215; A. M. S. Bettencourt, A. Dinis, A. Silva, A. Mota Veiga, E. Ribeiro, H. Cardoso, L. Vilas Boas & M. J. Amorim (2004). A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal), *Portugália*, n. série, nº 25, Porto, pp. 87 – 109; Carlos Fernández Rodríguez & Lucía Pérez Ortiz (2007). Caza y domesticación en el Noroeste de la Península Ibérica durante la Prehistoria. Datos arqueozoológicos, in Susana O. Jorge, Ana. M. S. Bettencourt & Isabel Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve, no prelo; Pedro B. Almeida & Francisco Fernandes (no prelo). The necropolis of Cimalha - Felgueiras in the Bronze Age of the North of Portugal: spatial and social order considerations, in A. Bettencourt *et alii* (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in prehistoric and protohistoric Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*; J. C. Senna-Martinez, Elin Figueiredo, M. Fátima Araújo, José M. Q. Ventura & Helder Carvalho (no prelo). "Melting the Power". The foundry area of Fraga dos Corvos- Hut 4 (Macedo de Cavaleiros, North-eastern Portugal), in A. Bettencourt *et alii* (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in prehistoric and protohistoric Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*.

Tal diversidade de estratégias de povoamento, em termos geomorfológicos, traduz uma “colonização” efectiva de diversas paisagens e a exploração e domínio de diversos recursos. Cabe aqui lembrar que, durante o Bronze Médio, as populações vivem na fase fito climática Sub-boreal, mais seca do que a actual pelo que é natural a aproximação às terras de vale, ou seja, aos recursos hídricos permanentes e a zonas planálticas de montanha, perto de linhas de água e abrigadas. Estes locais residenciais onde as construções seriam efectuadas em materiais perecíveis, como a terra, o saibro, a madeira e pequenas pedras, deixam actualmente vestígios pouco monumentais, embora a sua manutenção e o seu impacto na paisagem pudesse ter sido considerável, nomeadamente, em termos da desflorestação que impunham para a sua construção e manutenção. As estruturas encontradas pautam-se por fossas abertas no solo e no saibro, buracos de poste, lareiras, pavimentos argilosos, empedrados, valados e, por vezes, fossos.

O contexto de muitos destes povoados, as suas características internas, os seus artefactos e as diversas análises de antracologia, arqueozoologia, paleocarpologia e palinologia permitiram admitir a existência de comunidades portadoras de um sistema agrícola, baseado na rotatividade entre cereais, leguminosas e crucíferas, na pastorícia de ovicaprinos, bovinos e suínos, e na exploração do mato e do bosque, actividades que teriam iniciado um processo, irreversível, de degradação do coberto vegetal primitivo, no Noroeste⁵¹. Em abono do desenvolvimento e da consolidação das práticas agro-silvo-

⁵¹ - I. Figueiral (1990). *Le nord-ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bronze final à l'époque romaine, d'après l'antracoanalyse de sites archéologiques*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Montpellier II (Policopiada); P. Ramil Rego (1993). Evolución climática e historia de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico, in A. Pérez Alberti; L. Guitián Rivera & P. Ramil-Rego (eds.). *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos*, Ed. Xunta de Galicia, pp. 25 – 60; M. J. Aira Rodríguez & P. Ramil-Rego (1995). Datos paleobotánicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico y paleocarpológico, *Lagascalia*, 18 (1), pp. 25 – 38; P. Ramil Rego; A. Dopazo Martínez & C. Fernández Rodríguez (1996). Cambios en las estrategias de explotación de los recursos vegetales en el Norte de la Península Ibérica, *Férvedes*, 3, Lugo, pp. 169 – 187; P. Ramil Rego; M. T. Taboada Castro; F. Díaz-Fierros Viquera & M. J. Aira Rodríguez (1996). Modificación de la cubierta vegetal y acción antropica en la región del Minho (Norte de Portugal) durante el Holoceno, in P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.). *Biogeografía Pleistocena - Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 199 – 214; A. Dopazo Martínez (1996). *La dieta vegetal del Noroeste Ibérico durante el Holoceno: una aproximación a través del análisis paleocarpológico*, Memória de Licenciatura apresentada à Universidade de Santiago de Compostela (Policopiada); A. M. S. Bettencourt (1999). Ob. cit.; C. Fernández Rodríguez (2000). *Los macromamíferos en los yacimientos*

pastoris, registre-se os fracos índices de caça, durante este período. No entanto, há que admitir que as actividades de recolocção ainda eram importantes.

Se convencionalmente se aceita que, durante a fase mais antiga da Idade do Bronze, a metalurgia permanecia exclusivamente de cobre, é na primeira metade do II milénio AC que se dá a adopção da metalurgia do bronze (Ex. Sola IIA e IIB, Braga) e, por conseguinte, se verifica a consequente ocupação/exploração de áreas ricas em estanho (Ex. Mina da Folgadoura, Viana do Castelo)⁵².

arqueológicos del Noroeste peninsular: un estudio económico, Tesis Doctorales de la Universidad de Santiago de Compostela; I. Figueiral (2000). O povoado da Sola (Braga): o contributo da antracologia, in A. M. S. Bettencourt, *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga, pp. 71 – 76.; R. Fábregas Valcarce (2001). *Los Petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*, Vigo, Ed. Instituto de Estudios Vigueses; A. M. S. Bettencourt (2003). Ob. cit.; I. Figueiral & Ana M. S. Bettencourt (2004). Middle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and co-occurrence of Quercus (deciduous)–Fabaceae, in *Vegetation History and Archaeobotanic*, nº 13, Berlim, pp. 219 – 232; A. M. S. Bettencourt *et alii* (2007). A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve; I. Figueiral & A. M. S. Bettencourt (2007) Estratégias de exploração do espaço no Entre Douro e Minho desde os finais do IV aos meados do I milénios AC, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.). *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve; C. Fernández Rodríguez & L. Pérez Ortiz (2007). Caza y domesticación en el Noroeste de la Península Ibérica durante la Prehistoria. Datos arqueozoológicos, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.). *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve; M. J. Sanches, S. A. Nunes & D. Pinto (2007). Ob. cit.

⁵² - G. Zbyszewski & O. V. Ferreira (1955). Sur un plaque anthropomorphe en cuivre dans la mine d'étain de "Folgadoura", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 36, Lisboa, pp. 49-50; A. M. S. Bettencourt (2000a). *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga; A. M. S. Bettencourt & B Comendador Rey (2003). Los inicios de la metalurgia del bronce en el Noroeste Peninsular, *Actas do IVº Congreso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Museu do Instituto Geológico e Mineiro de Utrillas (Teruel, Aragón), pp. 343 – 357.

Assim, perante os novos dados torna-se difícil manter a hipótese de recessão económica e social para o Bronze Médio do Noroeste⁵³.

Em termos de acções humanas passíveis de serem interpretadas como resultantes do desenvolvimento de novas concepções ideológicas durante o Bronze Inicial e Médio, abordaremos as “práticas sepulcrais” e o fenómeno das “deposições metálicas”.

Em relação às estruturas e práticas sepulcrais, estas caracterizam-se por uma grande variedade, embora pautadas por um sentido de invisibilidade cada vez maior. Em zonas mais litorais, nas terras baixas e, nalgumas áreas planálticas, as necrópoles, por vezes nas proximidade aos sítios residenciais, são maioritariamente constituídas: por sepulturas planas abertas no saibro (Ex. Tapado da Caldeira, Baião; Cimalha, Felgueiras); por cistas (Ex. Atios, O Porriño, Pontevedra; Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira), por fossas (Ex. Fraga do Zorro, Verín) ou por soluções arquitectónicas originais (Ex. Vale Ferreiro, Fafe). Nas áreas mais montanhosas e interiores, mais precisamente, nos antigos territórios sagrados dos monumentos megalíticos, há a registar construção de pequenas sepulturas, sob *tumuli*, por vezes com câmaras cistóides, em fossa ou sem câmaras aparentes (Ex. Outeiro de Gregos 1 e Meninas do Crasto 4, ambos em Baião; Reboredo 1, Corunha; Serra da Muna 2, Viseu). A par destas construções há, ainda, que referir a reutilização simbólica dos monumentos megalíticos anteriores (Ex. Mamoia de Carreiro da Quinta, Vila Verde; Anta da Arquilha da Moura, Tondela; Marco do Camballón 5, Pontevedra, A Madorra da Granxa, Lugo) e o aproveitamento de abrigos e grutas para práticas sepulcrais, raras no Nordeste português (Ex. Fragão da

⁵³ - S. O. Jorge (1988). Reflexões sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, pp. 85 – 112; S. O. Jorge (1990). Ob. cit.(pp. 225 a 231); A. M. S. Bettencourt (1995). Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal, in I. Isabel Cordeiro et alii (coord.). *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa, pp. 110 – 115; R. Fábregas Valcarce (1995). La realidad funeraria en el Noroeste del neolítico a la edad del bronce, in R. Fábregas Valcarce et alii (eds.). *Arqueología da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievalo*, Xinzó de Limia, pp. 95 - 125; R. Fábregas Valcarce & R. Bradley (1995). El silencio de las fuentes: prácticas funerarias en la edad del bronce del Noroeste y su contexto europeo, *Complutum*, 6, pp. 153 – 166; A. M. S. Bettencourt (1999). Ob. cit.; A. M. S. Bettencourt (2000b). Ob. cit.; A. M. S. Bettencourt (2003). Ob. cit.; A. M. S. Bettencourt (2009). Ob. cit..

Pitorca, Chaves; Lorga de Dine, Bragança) e na Galiza (Ex Gruta de Valdavara, Becerreá, Lugo) mas comuns nas Astúrias⁵⁴.

Em termos de ritos, é de destacar a predominância da inumação, quer em decúbito lateral, dorsal ou de cócoras, embora tenham existido ritos de fogo e incinerações ainda pouco estudadas (Ex. Fraga do Zorro, Verín).

Em algumas cistas, estruturas cistóides ou atípicas, há depósitos de artefactos metálicos (em cobre e ouro), líticos e cerâmicos, de grande valor simbólico, dos inícios da Idade do Bronze, a indiciar a importância social de determinados inumados para a comunidade. Posteriormente, os depósitos tornam-se mais sóbrios e mais padronizados, sendo constituídos por um grupo restrito de formas cerâmicas como os vasos

54 - J. Fortes (1906). A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre), *Portugália*, 2, p. 241 – 252; S. O. Jorge (1980). A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portugália*, nova série 1, pp. 29 – 50; V. O. Jorge (1980). Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália*, nov. série, 1, pp. 9 – 28; J. M. Vazquez Varela (1980). Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*, 0, P. 23 – 40; V. O. Jorge (1982). *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto – Policopiada; S. O. Jorge (1983). Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia*, 8, pp. 55 – 56; C. H. Harpsøe & M. F. Ramos (1985) - “Lorga de Dine” (Vinhais, Bragança). *Arqueologia*, 12, p. 202 – 204; D. J. Cruz (1992) A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (serra da Aboboreira), Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra; A. Leite da Cunha (1995). Anta da Arquinha da Moura (Tondela), *Trabalhos de Antropologia e Etimologia*, 35 (3), Porto, pp. 133 – 151; P. Árias Cabal & A. Armendáriz Gutiérrez (1998). Aproximación a la edad del bronce en la región cantábrica, in Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 47 – 80; R. Fábregas Valcarce & X. Vilaseco Vázquez (1998). Prácticas funerarias no Bronze do Noroeste, in Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 191 – 220; F. J. Chão Álvarez, I. A. Álvarez Merayo (2000). A Madorra da Granxa: o túmulo máis grande de Galicia? *Brigantium*, vol.12, pp. 41-63; F. Valcarce, Ramon 2001. *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Vigo: Ed. Instituto de Estudos Vigueses; D.J. Cruz, L. F. Gomes & P. Carvalho (1998). Monumento 2 da serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação, *A Pré-História na Beira Interior* (Tondela, Nov. 1997), Viseu, pp. 1 – 21; A. M. S. Bettencourt, A. Rodrigues, I. S. Silva, C. S. Cruz. & A. Dinis (2005). The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*, 7, pp. 157 – 175; P. B. Almeida & F. Fernandes (2007). A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas – Felgueiras, *Oppidum*, 2, pp. 115 – 123; R. Fábregas Valcarce *et alii* (2009). Novos resultados das intervencións arqueolóxicas no sur licence. Os xacementos paleolíticos da depression de Monforte (Monforte de Lemos), Cova Eirós (Triacastela) e Valdavara (Becerreá), *Gallaecia*, 28, pp. 9 – 32.

truncocónicos e os de largo bordo horizontal, entre outros. Todo este universo, muito dele já alicerçado por datas de radiocarbono, permitiu contestar a hipótese de que o Bronze Médio se pautaria pela escassez ou inexistência de sepulcros convencionais⁵⁵, defendida nos finais dos anos 80, meados dos anos 90⁵⁶.

É possível que durante o Bronze Inicial se tivessem efectuado os primeiros depósitos de artefactos em cobre no Nordeste Transmontano (Ex. Alabardas de Abreiro, Mirandela; Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros e Alto das Pereiras, Vimioso), mas é sobretudo, durante o Bronze Médio, que se diversificam as deposições culturais de bens de prestígio, normalmente de artefactos metálicos, em bronze e ouro, nas águas ou nas suas imediações, na terra ou em associação com penedos⁵⁷.

⁵⁵ - A mitigação desta hipótese inicia-se, ainda nos anos 90, cf. D. Cruz (1995). Cronologia dos monumentos com "tumulus" do Noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 81-119; R. Fábregas Valcarce (1995). El fenómeno tumular en el Bronce do Noroeste, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología, Vigo 2003*, vol.1, pp. 85-91; R. Fábregas Valcarce & R. Bradley (1995). El silencio de las fuentes: prácticas funerarias en la edad del bronce del Noroeste y su contexto europeo, *Complutum*, 6, pp. 153 – 166 A. M. S. Bettencourt (1997). Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular, *Actas do IIº Congreso de Arqueología Península Zamora 1996*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 621 – 632; D. Cruz (1998). Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (Vº a IIº milénios A.C.), *Estudos Pré-Históricos*, 6, pp. 149-166; R. Fábregas Valcarce & X. Vilaseco Vázquez (1998). Práticas funerarias no Bronce do Noroeste, in Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 191 – 220

⁵⁶ - M. Ruiz-Gálvez Priego (1987). Bronce Atlántico y "cultura" del Bronce atlántico en la península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 44, Madrid, pp. 251 – 266; M. Belén, J. L. Escacena & M. I. Bozzino (1991). El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación, *Trabajos de Prehistoria*, 48, Madrid, pp. 225 – 256; M. Ruiz-Gálvez Priego (1991). Songs of a wayfaring lad. Late Bronze Age Atlantic exchange and the building of the regional identity in the west Iberian Peninsula, *Oxford Journal of Archaeology*, 10 (3), Oxford, pp. 277 - 306.

⁵⁷ -S. O. Jorge (1986). *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves-Vª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, Ed. Fac. Letras da Univ. do Porto, 3 vol.; S. O. Jorge (1990). Ob. Cit.; M. J. Sanches (1995). Alabardas de tipo Carrapatas, in I. Isabel Cordeiro et alii (coord.). *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa, pp. 29-30; A. M. S. Bettencourt (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada); A. M. S. Bettencourt (2000). O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais, *Pré-História Recente da Península Ibérica, Actas do IIIº*

Durante este período, persistiram os santuários de arte rupestre, quer do grupo Atlântico do Noroeste, onde se gravaram armas similares às encontradas em depósitos do Nordeste Transmontano, quer da arte esquemática, frequentemente, em zonas de passagem, entre o vale e a montanha, e com boa visibilidade para os corredores de circulação. Apesar da construção destes locais, em épocas anteriores, alguns autores admitem, que estes lugares, ao ar livre e de difícil remoção, estariam sujeitos a “reutilizações” e “reinterpretações” ao longo do tempo, tendo sido, muito provavelmente, utilizados durante toda a Idade do Bronze⁵⁸.

Chegado a este ponto, torna-se necessário efectuar uma síntese interpretativa do conjunto de dados referentes à Idade do Bronze Inicial/Médio do Noroeste. Assim, a par de alguns povoados discretos de montanha, em zonas de penedia, de pequenas dimensões e com tradições no Calcolítico, e da continuação da reutilização dos monumentos megalíticos, denotam-se alterações significativas na forma como as comunidade se apropriaram e interagiram com a paisagem. É agora que surgem os primeiros povoados sedentários, por vezes de grandes dimensões, e que, apesar de terem sido construídos em materiais perecíveis, pela sua imponência e pelas clareiras que teriam provocado em seu redor, deveriam ter constituído pontos importantes de referência na paisagem, característica que se acentuará no Bronze Final. Assim, a opacidade arqueológica e as construções em materiais perecíveis não têm que se associar a níveis baixos de complexidade social, como a arqueologia processual fez crer⁵⁹. É, também, durante este longo período, que surgem novos ritos e novas formas de

Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto. ADECAP, pp. 79 – 93; A. M. S. Bettencourt (2003). Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, nº 5, ADECAP, Porto, pp. 199 – 202; S. O. Jorge. & V. O. Jorge (2006). Ob. cit. (cap. 4).

⁵⁸ - R. Bradley, P. M. Santos & M. J. Sanches (1998). Land-marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes (Portugal), *ANTROPOLógicas*, 2, Porto, Ed. Fernando Pessoa; A.M. S. Bettencourt (1999). Ob.cit.; A.M. S. Bettencourt (2000). Ob.cit.; A.M. S. Bettencourt (2005). Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal), in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*, vol. 1, Nova Galicia Edicións, S.L., Vigo, pp. 161 – 165.

⁵⁹ - Sobre este assunto consultar S. O. Jorge (1996). Regional diversity in the Iberian bronze age - on the visibility and opacity of the archaeological record, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 36, Porto, pp. 193 – 214; S. O. Jorge (1999). Ob.cit.

tumulação, a revelar, provavelmente, duas formas distintas, mas coexistentes, de reorganização social e de mecanismos de identidade e de poder. Uma primeira, nos inícios da Idade do Bronze, em que se criariam novos lugares de enterramento, a partir da inumação de uma personagem a quem as comunidades atribuiriam o papel de ancestral, inferida pelo depósito de artefactos de grande valor social que a acompanhava e pela continuidade, no tempo, de outros enterramentos e depósitos mais singelos, naqueles locais (Ex. Vale Ferreiro, Fafe, Devesa de Abaixo, Pontevedra). Nestes lugares, a morte teria um papel activo na construção da identidade grupal e na legitimação da ocupação de novos territórios. Num segundo momento, ocupados os novos territórios e sedentarizadas definitivamente as populações, a par da manutenção destes novos lugares especiais e da sacralização dos antigos ancestrais neolíticos, as necrópoles, nas proximidades dos povoados, indicariam que o inumado deixou de fazer parte do “presente”, para se tornar “passado”⁶⁰. Tal poderá, na linha do que Julian Thomas (2000) defende, indicar que os mecanismos de identidade passam a fundamentar-se, cada vez mais, nos descendentes e na linhagem individual do que na filiação de um determinado grupo com um ancestral. Assim, coloca-se a hipótese de que as sociedades agro-silvo-pastoris, igualmente detentores do conhecimento que permite “transformar as pedras em artefactos metálicos” e com um sentido de territorialização mais acentuado do que no período anterior, possam ter transferido os seus lugares de exibição e os seus mecanismos de “poder simbólico”, quer para os depósitos de artefactos metálicos, cuja localização parece concordante com as novas necessidades de controlo da natureza, quer para os santuários rupestres, que, independentemente de conotações lunares ou estelares, entre outras, parecem dominar portelas entre os vales e as montanhas e vias de circulação primárias e secundárias.

⁶⁰ - A. M. S. Bettencourt (no prelo a). Death, memory, identity and power during the Bronze Age of the Northwest of Iberian Peninsula, in A. M. S. Bettencourt, M. Jesus Sanches, L. B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in prehistoric and protohistoric Europe, Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*; A. M. S. Bettencourt (2007). Live and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula, in F. Fahlander & T. Oestigaard (eds.). *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*, BAR International Series, Ed. Archeopress.

Deverá assinalar-se que o tipo de artefactos metálicos (punhais, pontas de lança, alabardas, machados) depositados em algumas sepulturas do Bronze Inicial, amortizados sob rochas, na terra ou em meios aquáticos durante o Bronze Inicial e Médio, assim como gravados em afloramentos rochosos ou em estelas (Ex. Longroiva, Meda), indiciam uma ideologia de poder associada ao género masculino e à guerra, que se crê existir, apenas no âmbito simbólico⁶¹.

1.5. As particularidades peninsulares: o Sudoeste peninsular

O segundo contexto de estudo, importante pelas suas particularidades durante a Idade do Bronze, é o Sudoeste peninsular região que compreende o Alentejo e o Algarve, em território português, e parte da Extremadura e da Andaluzia, em Espanha.

Trata-se de uma região parcialmente banhada pelo oceano atlântico mas de forte influência mediterrânica, rica em jazidas de cobre nativo, em carbonatos de cobre e em algum ouro, não só ao longo da bacia do Guadiana, como a nordeste de Ourique e de Almodôvar, assim como no corredor Mértola-Aljustrel.

Em termos de periodização e de taxonomia, a revisão da proposta de Schubart proporcionada, essencialmente, pela calibração de datas de radiocarbono, fez recuar o Bronze do Sudoeste I e II para o Bronze Inicial e Médio, respectivamente, criando-se a designação de Bronze Final, para a última fase⁶². No entanto, há já autores que aboliram

⁶¹ - S. O. Jorge (1986). Ob. cit.; S. O. Jorge (1999). Ob. cit.; S. O. Jorge (1999a). *Bronze Age stelai and menhirs of the Iberian Peninsula: discourses of power, Gods and Heroes of the Bronze Age, Europe of times of Ulisses*, Londres, Ed. Thames and Hudson, pp. 114-122; S. O. Jorge & V. O. Jorge (2006). Ob. cit. (cap. 4).

⁶² - M. Belén, J. L. Escacena & M. I. Bozzino (1991). Ob. cit. ; M. Calado (1993). Ob. cit.; M. V. Gomes (1995). *A Idade do Bronze no Algarve*, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, p. 130; R. Parreira (1995). *Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior*, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, pp. 131 – 134; R. Parreira (1998). *As arquitecturas como factor da construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo interior*, in S. O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico? Trabalhos de Arqueologia – 10*, Lisboa, IPA, pp. 267 – 273.

definitivamente a expressão de Bronze do Sudoeste, passando a falar, simplesmente, de Bronze Inicial, Médio e Final⁶³.

Os vestígios para caracterizar o Bronze Inicial e Médio na fachada mais ocidental do Sudoeste são ainda pouco conhecidos, pautando-se, essencialmente, pela presença de povoados pouco visíveis na paisagem e localizados em áreas abertas e baixas, em conexão com as respectivas necrópoles de cistas sob *tumuli* (Ex. Herdade do Pessegueiro, Quitéria e Provença, em Sines). Em todos eles, com cabanas de planta rectangular realizadas em materiais perecíveis, documentaram-se práticas agrícolas, a pesca, a tecelagem e a metalurgia do cobre⁶⁴.

Esta opacidade do registo arqueológico, face às interpretações equacionadas para o Calcolítico local, permitiu a alguns autores, defender que tal situação teria resultado de uma crise provocada pela falência do modelo anterior de produção, o que teria contribuído para criar profundas alterações no sistema social e político e uma menor competição pelo território e pelos recursos⁶⁵. Investigações recentes na Andaluzia ocidental e na Extremadura espanhola, têm permitido mitigar esta hipótese interpretativa dado que, em alguns povoados de altura com ocupações do Bronze Final, foram descobertos níveis de ocupação do Bronze Médio. Tal é o caso de Trastejón, em Huelva, Mesa de Setefilla, em Sevilha e Castillo de Alanje, em Pavón-Soldevilla, cuja localização, assim como a das suas necrópoles, permitiram defender que estas comunidades seriam essencialmente pastoris⁶⁶ e que a tão preconizada ausência de povoados, resultaria, afinal, da falta de projectos de investigação direccionados para este período cronológico-cultural.

⁶³ - J. A. Barceló (1991). El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas, *Arqueologia*, 21, pp. 15-24.

⁶⁴ - C. T. da Silva & J. Soares (1981). *Pré-História da área de Sines*, Lisboa, Ed. Gabinete da Área de Sines; C. T. da Silva & J. Soares (2006). Ob. cit..

⁶⁵ - M. Ruíz Galvez Priego (1998). *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a las raíces de la Europa occidental*, Barcelona, Ed. Crítica (cap. 5); N. Bicho (2006). Ob. cit.; M. Calado (2006). Ob. cit..

⁶⁶ - I. Pavón Soldevilla (1998). *El tránsito del II al I milénio a.C. e las cuencas medias de los rios Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*, Cáceres, Universidad de Extremadura; M. Ruíz Galvez Priego (1998). Ob. cit. (cap. 5).

Quanto ao mundo sepulcral, este caracteriza-se pela diversidade de soluções encontradas para a deposição dos mortos. Também aqui se encontram reutilizações de monumentos megalíticos, a par da fundação de necrópoles de cistas sob *tumuli* de plantas circulares, ovais e rectangulares, por vezes delimitados por muretes ou por fiadas de lajes. Estas necrópoles, normalmente localizadas em zonas planas ou em plataformas de vertentes sem destaque natural, organizam-se em vários núcleos, sendo o túmulo do fundador frequentemente detectável, por ser maior, ou por ter um espólio diferenciado, a indiciar quer hierarquia social, quer diferentes estruturas de parentesco. Foi pelo menos esta a leitura que se efectuou a partir do estudo das necrópoles da Alfarrobeira, em Silves; da Atalaia, em Ourique; de Alcária, em Monchique; da Herdade do Pessegueiro, em Sines e de Las Palomas, em Badajoz, entre muitas outras⁶⁷. Existem, também, algumas sepulturas isoladas. O ritual mais comum parece ter sido o da inumação, embora se admitam enterramentos primários e manipulações posteriores das ossadas, o que explicaria a integridade e arrumação dos espólios em muitas sepulturas que foram perturbadas⁶⁸. Recentemente, descobriram-se rituais envolvendo o fogo, em algumas sepulturas⁶⁹.

É importante, neste momento, introduzir a problemática sobre as estelas alentejanas, com figurações de armas, correias e com um símbolo “ancoriforme” (normalmente considerado como insígnia de poder), que apareceram na vertical ou como tampas de sepulturas, a indiciar a importância social e simbólica da personagem enterrada, para uns, a enaltecer uma instituição que privilegia o mundo masculino e a ideologia guerreira ou a assinalar pontos de chegada de rotas de transumância, para outros⁷⁰. Os raros artefactos metálicos destas necrópoles, assim como contas de pasta vítrea, apresentam grande filiação com o Mediterrâneo Central e Oriental, resultante de

⁶⁷ - C. T. da Silva & J. Soares (1981). Ob. cit.; M. Varela Gomes (1994). *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves*, Xelb – 2, Silves; M. Ruíz Galvez Priego (1998). Ob. cit.; J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (4.4); C. T. da Silva & J. Soares (2006). Ob. cit.;

⁶⁸ - J. Jiménez Ávila (2002/2003). Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular, *Boletín de la Asociación de Amigos de Arqueología*, Madrid, p. 81-118.

⁶⁹ - J. Vilhena (2006). *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2º e 1º milénios A.C.*, 2 vol., Dissertação de mestrado apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Lisboa – policopiada.

⁷⁰ - M. Ruíz Galvez Priego (1998). Ob. cit. (cap. 5); J. L. Cardoso (2002). Ob. cit. (4.4).

intercâmbios de longo curso, bem representado na Andaluzia, onde se detectaram cerâmicas de origem micénica. Estas características, associadas às particularidades das cerâmicas destas necrópoles, configuram sociedades culturalmente distintas das do Noroeste.

A convergência que parece ocorrer entre as sepulturas e as estelas alentejanas, ou seja, a nível simbólico e religioso, levou alguns autores, no âmbito da arqueologia processual, a considerarem que estas comunidades se organizaram em chefaturas (unidades político-religiosas) de grandes dimensões, o que poderia, explicar a raridade de povoados fortificados, em grandes áreas, durante estes períodos⁷¹.

Seja como for, o que parece configurar-se durante a Idade do Bronze Inicial e Médio do Sudoeste, é uma paisagem onde as necrópoles monumentais, em zonas planas, nas vertentes ou na plataforma litoral, por vezes nas proximidades de povoados de carácter agrícola, não parecem sustentar a ideia de recessão, de colapso do sistema produtor anterior ou de uma sociedade essencialmente pastoril, mas antes, a existência de sociedades que, sendo tributárias das práticas agro-pastoris, exploradores de minérios de cobre e sedentárias, não necessitariam de grandes cenários de afirmação do poder. Aliás, estes podiam configurar-se nas próprias necrópoles, nas estelas, representativas de uma ideologia masculina e guerreira, e, provavelmente, nos santuários de arte rupestre, como nas Pegadas do Diabo, em Sousel e nos vales do Tejo e do Guadiana.

Assim, torna-se premente a submissão dos dados do Bronze do Sudoeste a novos paradigmas interpretativos como forma de se ultrapassar o impasse que os modelos processuais impuseram para a região.

⁷¹ - N. Bicho (2006). Ob. cit.

BIBLIOGRAFIA

Obras gerais de interesse para a Pré-História Peninsular

- BARANDIARÁN MAESTU, I., B. Martí, M^a Á. del Rincón & J. Luís Maya (2005). *Prehistoria de la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel Prehistoria.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2009). A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze, in Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Ed. Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga, pp. 70-113.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M^a & A. PEÑA SANTOS (1995). *Galicia na Prehistoria, História de Galicia I*, A Coruña.
- BICHO, N.F. A. (2006). *A Pré-História do Algarve*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 9, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -17, Tomar, CEIPHAR.
- BRADLEY, R. (1998). *The significance of monuments on the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*, London/New York, Ed. Routledge.
- BRADLEY, R. (2000). *An archaeology of natural places*, London/New York, Ed. Routledge.
- BRADLEY, R. (2002). *The past in Prehistoric societies*, London/New York, Ed. Routledge.
- BRADLEY, R. (2005). *Ritual and domestic life in Prehistoric Europe*, London/New York, Ed. Routledge.
- CALADO, M. (2006). *Alentejo*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 8, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -18, Tomar, CEIPHAR.
- CARDOSO, J. L. (2002). *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2006). *Lisboa e Estremadura. A Pré-História recente e a Proto-História*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 6, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -20, Tomar, CEIPHAR.
- CARDOSO, J. L. (2007). *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Ed. Univ. Aberta.
- JORGE, S. (1999). *Domesticar a terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*, Lisboa, Ed. Gradiva.
- JUAN EIROA, J. (2000). *Nociones de Prehistoria general*, Barcelona, Ed. Ariel Prehistoria (capítulos 13, 15, 18, 21 e 23).
- MOURE ROMANILLO, A. & J. Santos y Anguas (2004). *Historia de España. Prehistoria. Del primer hombre a las colonizaciones mediterráneas (hasta el siglo III a. C.)*, vol. 1. Madrid. Ed. Espasa Calpe.
- SANCHES, M. J. (1997). *A ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rey Afonso Henriques.
- SILVA, C. T. & J. Soares (2006). *Setúbal e Alentejo Litoral*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 7, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo - 19, Tomar, CEIPHAR.
- VILAÇA, Raquel (2006). *Proto-História Peninsular*, Coimbra, Ed. Fac. Letras da Universidade de Coimbra, 102p.
- VILAÇA, Raquel (2008). *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*, Coimbra, Ed. Palimage.

CAP. I

- AMARO, G. (2006). Da confiança à dominação. Uma nova abordagem de Tim Ingold ao tema do surgimento da domesticação, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 46 (1-4), pp.215 – 218.
- DESCOLA, P. & G. Pálsson (Ed.) (1996). *Nature and Society. Anthropological Perspectives*, Londres, Ed. Routledge.
- HODDER, I. et alii (1995). *Interpreting Archaeology. Finding meaning in the past*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.
- INGOLD, T. (2000). *The perception of the environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.
- TILLEY, C. (1994). *A phenomenology of landscape*, Oxford, Ed. Berg.
- THOMAS. J. (1999). *Understanding the Neolithic*, Londres, Ed. Routledge.

CAP. II

- ALONSO MATHIAS, F. & J. M. Bello Diéguez (1997). Cronologia y periodización del fenómeno megalítico en Galicia a la luz de las dataciones por Carbono 14, in A. Rodríguez Casal (ed.). *O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*, Santiago de Compostela, Ed. Universidade de Santiago de Compostela, pp. 507-520.
- ARAÚJO, A. C. & M. Lejeune (1995). *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*, Lisboa, Ed. IPPAR.
- BADAL GARCIA, E. (2002). Bosques, campos y pastos: el potencial económico de la vegetación mediterránea, El paisaje en el Neolítico Mediterráneo, Saguntum, extra-5, València, Ed. Universitat de València, Departament de Prehistòria i d'Arqueologia, pp. 129 – 146.
- BADAL GARCIA, E., J. Barnabeu & B. Martí (eds.) (2002) *El paisaje en el Neolítico mediterráneo*, Saguntum, extra-5, València, Ed. Universitat de València, Departament de Prehistòria i d'Arqueologia.
- BAPTISTA, A. M. (1981). *A rocha F – 155 e a origem da arte do vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas do GEAP, nº 1, Porto.
- BAPTISTA, A. M. (1986). Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, in J. Alarcão (ed.) *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, Lisboa, Ed. Alfa, pp. 31 – 55.
- BARRET, J. (1994). *Fragments from Antiquity. An archaeology of social life in Britain, 2900 – 1200 B.C.*, Oxford, Ed. Blackwell.
- BENDER, B. (1998). *Stonehenge. Making space*, Oxford/Nova Iorque, Ed. Berg.
- BERNABEU AUBÁN, J. (1995). Origen y consolidación de las sociedades agrícolas. El País Valenciano entre el Neolítico y la Edad del Bronce. *Jornades d'Arqueologia. Alfàs del Pi (1994)*, València, pp. 37-60.
- BERNABEU AUBÁN, J.; T. Orozco & A. Díez Castillo (2002). El poblamiento neolítico: desarrollo del paisaje agrario en les Valls de l'Alcoi, in M. Hernández & Segura (coords) *La Sarga. Arte Rupestre y Territorio*. Alcoi, Ayuntamiento de Alcoi y Caja de Ahorros del Mediterráneo, pp. 171-184.

- BETTENCOURT, A. M. S. (2005). Os primeiros agricultores e pastores do Noroeste de Portugal: o Neolítico e o Calcolítico, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia*, Ed. Instituto Português dos Museus, Lisboa, pp. 28 - 35.
- BICHO, N.; M. Stiner, J. Lindly & C. R. Ferring (2000). O processo de neolitização na costa sudoeste, in V. O. Jorge (ed.) *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica*, Porto, Ed. ADECAP, pp. 11 – 22.
- BRADLEY, R. (1984). *The social foundations of prehistoric Britain, themes and variations in the archaeology of power*, Londres/Nova Iorque, Ed. Logman.
- BUENO RAMIREZ, P. & R. de Balbín Behrmann (2003). Imagenes antropomorfas al interior de los megalitos: las figuraciones escultóricas, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.
- BUENO RAMIREZ, P. et alii (2000). Arte Megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcântara. Cáceres. España, *Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto, ADECAP, pp. 481 – 502.
- CALADO, D. et alii (2003). Menires, Símbolos e organização social. O Extremo SW Peninsular, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.
- CALADO, M. (1993). Menires, alinhamentos e cromelechs, in J. Medina (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Ed. Ediclube, vol. 1, pp. 294-301.
- CALADO, M. (1997). Cromeleques alentejanos e arte megalítica, *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica*, Corunha, Ed. Museo Arqueológico e Histórico, pp. 289-297.
- CALADO, M. (2000). Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, Ed. ADECAP, pp. 35 – 45.
- CALADO, M. (2002). Standing stones and natural outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo, in C. Scarre (ed.). *Monuments and Landscape in the Atlantic Europe*, Londres, Ed. Routledge, pp. 17 – 35.
- CALADO, M. (2003). Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.
- CALADO, M (no prelo). As paisagens transfiguradas. Fossos sinuosos neolíticos no sudoeste peninsular, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclusera in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*;
- CARDOSO, J. L. & A. Grandim (2006). Os menires do Lavajo (Alcoutim), in N. Bicho (2006). *A Pré-História do Algarve*, Col. Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 9, Tomar, Ed. Arkeos-Perspectivas em Diálogo -17, CEIPHAR, pp. 146-147.
- CHAPMAN, C. (1981). The emergence of formal disposal area and the “problem” of megalithic tombs in prehistoric Europe, in R. Chapman et alii (eds.), *The archaeology of death*, Londres, Ed. Cambridge University Press, pp. 71 – 81.
- CHILDE, V. G. (1936). *Man makes himself*, 4ª ed. Londres, Ed. Watts.
- COLLADO GIRALDO, H. (2004). Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno Inicial como precedentes del arte

- rupestre esquemático em Extremadura, in M. Calado (ed.). *Sinais da Pedra. Iº Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*, Évora, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.
- CRIADO BOADO, F., C. Gianotti & V. Villoch (2000). Los túmulos como asentamientos, in V. O. Jorge (ed.) *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica*, Porto, Ed. ADECAP., Vila Real, pp. 289-302.
- CRUZ, D. J. (1995). Cronologias de monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 81 – 119.
- CRUZ, D. J. (1995a), Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico final, *Estudos Pré-históricos*, 3, CEPBA, pp.263-264.
- CRUZ, D. J. (1998). Expressões funerárias e culturais no norte da Beira Alta (V. milénios a.C.), *Actas do Colóquio A Pré-História da Beira Interior. Estudos Pré-Históricos*, 6, pp. 149 – 166.
- DINIZ, M. (2000a). As comunidades neolíticas no interior alentejano: uma leitura cultural e cronológica, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 23 – 33.
- DINIZ, M. (2000b). Neolitização e megalitismo: arquiteturas do tempo e do espaço, in V. S. Gonçalves (ed.), *Muitas Antas, pouca gente?*, Lisboa, Ed. IPA, pp. 105 – 116.
- EDMONDS, M. (1999). *Ancestral geographies of the Neolithic. Landscape, monuments and memory*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & X. I. Vilaseco Vázquez (2003). El Neolítico y el megalitismo en Galicia: problemas teórico-metodológicos y estado de la cuestión, in V. S. Gonçalves (ed.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia – 25, pp. 281-304.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & X. I. Vilaseco (2006). En torno al megalitismo gallego, in F. Carrera Ramírez & R. Fábregas Valcarce, *Arte parietal megalítico en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y conservación*, Santiago de Compostela, Tórculo Ediciones, pp. 11 – 36.
- GOMES, L. F & P. S. Carvalho (1997). *A Orca dos Padrões*, Mangualde, ACAB.
- GOMES, L. F., P. S. Carvalho & J. Perpétuo (1998), O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira), *Estudos Pré-históricos*, 6, CEPBA, pp. 243-248.
- GOMES, M. V (1997a). Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico, in P. Sarantopoulos (ed.), *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*, Évora, Ed. Câm. Municipal de Évora, pp. 35-40.
- GOMES, M. V (1997b). Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da humanidade, in P. Sarantopoulos (ed.), *Paisagens arqueológicas a oeste de Évora*, Évora, Ed. Câm. Municipal de Évora, pp. 25-34.
- GOMES, M. V. & L. M. Cabrita (1997). Dois novos povoados neolíticos, com menires, no barlavento algarvio, *Setúbal Arqueológica*, 11 – 12, pp. 191-198.
- GONÇALVES, A. A. H. & D. Cruz (1994). Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa I de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), *O Megalitismo no Centro de Portugal. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, 2, pp. 171 – 232.
- GONÇALVES, V. S (1999). *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, Lisboa, Ed. MNA.
- GONÇALVES, V. S. (2005). Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponesas, in V. S. Gonçalves (ed.). *Cascais há 5000 anos*, Ed. Câmara Municipal de Cascais, pp. 63 – 195.

- GONÇALVES, V. S & A. C. Sousa (1997). A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular, in A. Rodríguez Casal, *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*, Ed. Univ. Santiago de Compostela, pp. 609-634.
- GONÇALVES, V. S & A. C. Sousa (2003). Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: o limite oriental, V. S. Gonçalves (ed.), *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*, Lisboa, Ed. IPA, pp. 199-226.
- HERNANDO, A. (1999). *Los primeros agricultores de la Península Ibérica*, Madrid, Ed. Síntesis.
- HODDER, I. (1990). *The Domestication of Europe: structure and contingency in Neolithic societies*, Oxford, Ed. Blackwell.
- JORGE, S. O. (1990). Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos, in J. Serrão e A. O. Marques (dir.) *Nova História de Portugal*, vol. I, J. Alarcão (coord.), *Portugal das Origens à Romanização* Lisboa, Ed. Presença, pp. 75-101.
- JORGE, S. O. (1998a). Later prehistoric monuments of Northern Portugal: some remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, 0, pp. 105 – 113.
- JORGE, S. O. (2003). A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos vinte e cinco anos, *Livro de Homenagem – Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*. Porto, Faculdade Letras Universidade do Porto/Livraria Civilização, pp. 1453 – 1482.
- JORGE, S. O. & V. O. Jorge (2006). Agricultores e pastores fixados no território. Do Neolítico Médio ao Bronze Médio, in C. A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, pp. 106 – 163.
- JORGE, V. O. (1983). Les Tumulus de Chã de Santinhos, *Arqueologia*, 12, p. 96 – 129.
- JORGE, V. O. (1989). Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, 6, pp. 365-443.
- JORGE, V. O. (1991). Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia, *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, Lisboa, IICT, pp. 205-213.
- JORGE, V. O. (2000). Alguns problemas em foco, após duas décadas de estudo do megalitismo português, *Neolitização e megalitismo da Península Ibérica, Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, Ed. ADECAP, pp. 357 – 367.
- JORGE, V. O (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto (sobretudo parte III).
- JORGE, V. (2003). *A Irrequietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*, Porto, Ed. Afrontamento (cap. 3 – Parte II).
- JORGE, V. O & A. M. S. Bettencourt (1988). Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião), *Arqueologia*, nº17, Porto, pp. 73-118.
- JORGE, V. O. & S. O. Jorge (2000). A monumentalização das paisagens durante a pré-história: alguns contributos para um debate, *Era Arqueologia*, 1, pp. 101 – 111.
- JORGE, V. O. et alii (1997). *As mamoas do Alto da Portela do Pau, Castro Laboreiro, Melgaço*, Porto, Ed. SPAE.
- MAÑANA BORRAZÁS, P. (2005). Túmulo 5 de Forno dos Mouros (Ortigueira, A Coruña). Primeiros resultados, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 52, pp. 39 – 79.

- MARQUEZ ROMERO, J. E. (2002). Megalitismo, agricultura y complejidad social: algunas consideraciones, *Baetica. Estudios de Arte, Geografía e Historia*, 24, pp. 193 – 222.
- MARQUEZ ROMERO, J. E. (2002). Lugares rituales y magia en la Prehistoria: dos casos singulares, in A. Pérez & G. Cruz (eds.). *Daímon Paredros. Magos y prácticas mágicas en el mundo mediterráneo*, Madrid/Málaga, Ed. Clásicas & Charta Antiqua, pp. 31- 78.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. & A. Lucena (2003). Problemas metodológicos e interpretativos que plantean los depósitos sedimentários del yacimiento arqueológico de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 43 (1-2), pp. 151-170.
- OLIVEIRA, J. (1998). *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*, Lisboa, Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2000). Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 429 – 444.
- OLIVEIRA, J. & C. D. Oliveira (2000). Menires do distrito de Portalegre, *Ibn Maruan*, 9-10, pp. 147 – 180.
- OROZCO KOHLER, K. & J. Bernabeu Aubán (no prelo). Los recintos neolíticos como expresión de poder en el mediterráneo peninsular, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclusera in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.
- PARREIRA, R. (1997). Alcalar – o território, os lugares e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a.C., *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, Min. da Cultura, Ed. IPPAR, pp 191 – 206.
- RAMOS, J. (2000). El problema historiográfico de la diferenciación Epipaleolítico Neolítico como debate conceptual, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*, 9.
- RENFREW, C. (1973). Monuments, mobilization and social organization in neolithic Wessex, in C. Renfrew (ed.), *The explanation of culture change: model in prehistory*, Duckworth, pp. 539-558.
- RENFREW, C. (1981). Introduction: the megalithic builders of Western Europe, in J. Evans *et alii* (eds.), *Antiquity and man. Essays in honour of Glyn Daniel*, Londres, Ed. Thames and Hudson, pp. 72 – 81.
- ROCHA, L. (2000). O alinhamento de Tera, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996), in V. S. Gonçalves (ed.). *Muitas antas, pouca gente?* Lisboa, Ed. IPA, pp. 183-194.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. (1989). *La necrópolis megalítica de Parxubeira (campanhas arqueológicas de 1977 a 1984)*, A Coruña, Ed. Gráficas do Castro/Moret.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. (1998). Las estelas antropomorfas de Parxubeira en el contexto de la estatuaria megalítica del noroeste de la Península Ibérica, *Archéologie en Languedoc*, 22, pp. 73-82.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, D. (2006). Historia de la investigación y estado de la cuestión del Neolítico en Castilla-La Mancha: una visión de conjunto, N. Bicho e H. Veríssimo (ed.) *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, pp. 217 – 228.
- SANCHES, M. J. (1987). A mamoa 3 da Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro), *Arqueologia*, 15, pp. 94 – 115.
- SANCHES, M. J. (1997b). *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2vols, Porto, SPAE – textos 1.
- SANCHES, M. J & S. Nunes (2003). Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º mil. BC, in M. Calado (ed.). *Sinais da*

- Pedra. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre megalitismo e arte rupestre na Europa Atlântica*, Ed. Fundação Eugénio de Almeida.
- SANCHES, M. J. & S. A. Nunes (2005). A Mamoia do Castelo (Jou) – Murça (Trás-os-Montes): resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestibulo, *Portugália*, 26, DCTP-FLUP (no prelo).
- SANCHES, M. J., M. M. Silva & I. J. Botelho (1992). Mamoia 2 da Pena do Mocho. Um tumulus provido de uma estrutura central em poço, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32, pp. 201-221.
- SANCHES, M. J., S. Nunes & D. Pinto (2007). *Trás-os-Montes* (Norte de Portugal) – as gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve, no prelo.
- SCARRE, C. (2001). Modeling prehistoric populations: the case of Neolithic Brittany, *Journal of Anthropological Archaeology*, 20, pp. 285 – 313.
- SHERRATT, A. G. (1981). Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution, *Pattern of the Past*, Cambridge, pp. 261 – 306.
- SILVA, A.M. (1997). “Ler” os ossos: Antropologia de campo e Arqueologia funerária, *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, Min. Cultura, Ed. IPPAR, pp. 207 – 220.
- SILVA, E. J. L. (2003). Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. Gonçalves (ed). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Trabalhos de Antropologia – 25, pp. 269 – 279.
- SOARES, J. (2003). *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*, Setúbal, Ed. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOUSA, M. G. (2006). A terra no megalitismo do Norte de Portugal, in M. Correia & V. O. Jorge (eds.). *Terra: forma de construir. 10ª Mesa Redonda de Primavera*, Porto, Ed. FLUP/CEAUCP, pp. 76-82.
- STOCKLER, C. (2000). Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. Do Neolítico Inicial ao Bronze Inicial, *Al Madan*, 9, pp. 79-93.
- SUÁREZ OTERO, J. & R. Fábregas Valcarce (2000). O Neolítico en Galicia. Estado da Cuestión, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 135 – 147.
- THOMAS, J. (1996). The cultural context of the first use of domesticates in continental Central and Northwest Europe, in D. Harris (ed.) *The origins and spread of agriculture and pastoralism in Eurasia*, pp. 310-322.
- THOMAS, J. (1999). *Understanding the Neolithic*, Londres, Ed. Routledge.
- TILLEY, C. (1996). *An ethnography of the Neolithic*, Cambridge, Cambridge University Press.
- VILLOCH, V. (2001). El emplazamiento tumular como estratégia de configuración del espacio social: Galicia en la Prehistoria Reciente, *Complutum*, 12, pp. 33 – 49.
- WHITTLE, A. (1996). *Europe in the Neolithic. The making of new worlds*. Cambridge. Ed. Cambridge University Press.

CAP. III

- ANTUNES, M. T. & A. S. Cunha (1998). Restos humanos do Calcolítico – Idade do Bronze de Castelo Velho, de Freixo de Numao (Vila Nova de Foz Côa, Portugal) – nota preliminar, *Côavisão. Cultura e Ciência*, nº 0, Foz Côa, pp. 35-42.
- BETTENCOURT, A. M. S., A. Dinis, I. Figueiral, A. Rodrigues, C. S. Cruz, I. S. e Silva, M. Azevedo & R. Barbosa (2007). A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve, pp. 149 – 164.
- CARDOSO, J. L. (1997). *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, Lisboa/Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2000). *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2003). *Povoado pré-histórico de Leceia, no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2003). Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), no quadro da investigação e divulgação do património arqueológico nacional, S. O. Jorge (ed.) *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquiteturas pré-históricas*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 199 – 224.
- CASTRO, M. & F. Hornos (no prelo). La zona arqueológica de Marroquíes Bajos, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclasure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.
- COMENDADOR REY, B. (1998). *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*, Brigantium – 11, Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha (cap. 7).
- CRIADO BOADO, F. et alii (no prelo). Neolithic spatiality: concept and materiality, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclasure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.
- CRUZ, D. J. (1992). *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, Coimbra, Ed. Inst. de Arq. da Fac. de Letras.
- CRUZ, D. J. (1995). Cronologias de monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 81 – 119.
- CRUZ, D. J. (1998). Expressões funerárias e culturais do Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.), *Estudos Pré-Históricos*, 6, pp. 149 – 166.
- DARVIL, T. & J. Thomas (Eds). (2001). *Neolithic enclosures in Atlantic Northwest Europe*, Oxford, Ed. Oxbow Books.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P. (no prelo). Taking variability seriously: scaling the context of Copper Age aggregations in Iberia, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclasure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.

- FABIÁN GARCIA, J. F. (2006). *El IV y III milénio AC en el Valle Amblés (Ávila)*, Monografias. Arqueologia en Castilla y León – 5, Junta de Castilla y León.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & X. I. Vilaseco (2006). En torno al megalitismo gallego, in F. Carrera Ramírez & R. Fábregas Valcarce, *Arte parietal megalítico en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y conservación*, Santiago de Compostela, Tórculo Ediciones, pp. 11 – 36.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., A. Martínez Cortizas, R. Blanco Chao & W. Chesworth (2003). Environmental change and social dynamics in the 3rd millenium BC in NW Iberia, *Journal of Archaeological Sciences*, 30, pp. 859 – 871.
- FIGUEIREDO, A. (2006). *Complexo Megalítico do Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (V-IIº milénios AC). Problemáticas e Interrogações*, Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- GIANOTTI GARCIA, C. & C. CANCELA CEREIJO (2005). Testemuña da ocupación humana durante o Neolítico Final e o período Alto-Medieval na Península do Morrazo, in F. Criado Boado & E. Cabrejas Domínguez (coord.) *Obras Públicas e Património: Estudo Arqueolóxico do corredor do Morrazo. Tapa - 35*, Santiago de Compostela, pp. 50 – 54.
- GONÇALVES, V. S (1999). *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*, Lisboa, Ed. MNA.
- HURTADO, V. (no prelo). El territorio de Tierra de Barros (Badajoz, España) en el III milénio A.N. E. desde la perspectiva del modelo Centro-Periferia, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclusera in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.
- JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. & J. E. Marquez Romero (no prelo). “Aquí no hay quien viva”. Sobre las casas-pozo en la Prehistoria de Andalucía durante el IV y el III milénios AC, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Sevilla*.
- JORGE, S. O. (1990). Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia., in J. Serrão e A. O. Marques (dir.) *Nova História de Portugal*, vol. I, J. Alarcão (coord.), *Portugal das Origens à Romanização* Lisboa, Ed. Presença, pp. 163-212.
- JORGE, S. (1994). Colónias, fortificações, lugares monumentais. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, 9, Porto , pp. 447 – 546.
- JORGE, S. (1998). Castelo Velho de Freixo de Numão (V. Foz Cõa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, 6, CEPBA, pp. 279 – 293.
- JORGE, S. O. (2002). Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórica do Norte de Portugal, *Património-Estudos*, 3, IPPAR, pp. 145 – 164.
- JORGE, S. O. (2003). Pensar o espaço da pré-história recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, S. O Jorge (ed.) *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*, Porto/Coimbra, Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, pp. 13- 50.
- JORGE, S. O. (2003). Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão, in V. O. Jorge (coord.) *Arquitectando Espaços: da natureza à metapolis*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/CEAUCP(FCT), pp. 63-83.

- JORGE, S. O. (2006). *O Passado é redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*, Porto, Edições Afrontamento (cap. 2, pp. 97 – 103).
- JORGE, S. & V. O. Jorge (2006). Agricultores e pastores fixados no território. Do Neolítico Médio ao Bronze Médio, in C. A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, pp. 106 – 163.
- JORGE, V. O (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto.
- JORGE, V. O. (2005). *Vitrinas muito iluminadas*, Porto, Campo das Letras (Parte III, cap. 9).
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2001). De los “campos de silos” a los “agujeros negros”: Sobre pozos, depósitos y sanjas de la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología da Universidad de Sevilla*, 10, pp. 207-220.
- MARQUEZ ROMERO, J. E. (2002). Megalitismo, agricultura y complejidad social: algunas consideraciones, *Baetica. Estudios de Arte, Geografía e Historia*, 24, pp. 193 – 222.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2004). Muerte ubicua: sobre deposiciones de esqueletos humanos en zanjas y pozos en la prehistoria reciente de Andalucía, *Mainake*, 26, pp. 115-138.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2006). Neolithic and Copper Age ditched enclosures and social inequality in the south of the Iberian Peninsula (IV-III millennia cal BC), in P. Díaz-de-Río & L Garcia Sanjuán (ed.) *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, BAR International Series 1525, pp. 171 – 187.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2006). Sobre los depósitos estructurados de animales en yacimientos de fossos del Sur de la Península Ibérica, in N. Bicho (ed.), *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004*, Faro, pp. 15-25.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2007). La problemática de los yacimientos de fossos de la Prehistoria Reciente en el sur de España, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve (no prelo).
- MORÁN, E. (no prelo). Organização espacial do povoado calcolítico de Alcalar, in A. C. Valera & L. Shaw Evangelista (ed.) *The Idea of enclosure in recent Iberian Prehistory. Actas do XV Congresso da UISPP, Lisboa, Setembro de 2006*.
- PARREIRA, R. (1997). Alcalar – o território, os lugares habitados e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a.C., *Noventa séculos entre a serra e o mar*, Lisboa Ed. IPPAR, pp. 191-206.
- RINCÓN, M. A (2005). El Calcolítico y la Edad del Bronce, in I. Barandiarán *et alii Prehistoria de la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel Prehistoria, pp. 219 – 343.
- SANCHES, M. J. (1997b). *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2vols, Porto, SPAE – textos 1.

CAP. IV

- AIRA RODRIGUEZ, M. J. & P. Ramil-Rego (1995). Datos paleobotánicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico y paleocarpológico, *Lagascalia*, 18 (1), pp. 25 – 38.
- ALMEIDA, P. B. & F. Fernandes (2007). A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas – Felgueiras, *Oppidum*, 2, pp. 115 – 123.

- ÁRIAS CABAL, P. & A. Armendáriz Gutiérrez (1998). Aproximación a la edad del bronce en la región cantábrica, in Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronce en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 47 – 80.
- BARCELÓ, J. A. (1991). El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas, *Arqueologia*, 21, pp. 15-24.
- BELÉN, J. L. ESCACENA, M. & M. I. Bozzino (1991). El mundo funerário del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación, *Trabajos de Prehistoria*, 48, Madrid, pp. 225 – 256.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995). Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal, in I. Isabel Cordeiro *et alii* (coord.). *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa, pp. 110 – 115.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1997). Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular, *Actas do IIº Congreso de Arqueología Peninsular*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 621 - 632.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000). *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000). O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais, *Pré-História Recente da Península Ibérica*, *Actas do IIIº Congreso de Arqueología Peninsular*, Porto, ADECAP, pp. 79 – 93.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2003). Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, nº 5, ADECAP, Porto, pp. 199 – 202.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2005). A Idade do Bronze no Noroeste de Portugal, in I. Silva & C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia*, Ed. Instituto Português dos Museus, Lisboa, pp. 36 - 41.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2005). Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal), in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*, vol. 1, Nova Galicia Edicións, S.L., Vigo, pp. 161 – 165.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2008). Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula, in Fredrik Fahlander & Terje Oestigaard (eds.) *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*, BAR International Series, Ed. Archeopress, pp. 70-113.
- BETTENCOURT, A. M. S. (no prelo). Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory, in Ana M. S. Bettencourt, M. Jesus Sanches, Lara B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in*

the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006, BAR International Series, Archeopress, Oxford (no prelo).

BETTENCOURT, A. M. S. & M. Jesus SANCHES (1998). Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, in R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze na Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminario de Sargadelos, A Coruña, pp. 13 – 45.

BETTENCOURT, A. M. S. & B Comendador Rey (2003). Los inicios de la metalurgia del bronce en el Noroeste Peninsular, *Actas do IVº Congreso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, Museu do Instituto Geológico e Mineiro de Utrillas (Teruel, Aragón), pp. 343 – 357.

BETTENCOURT, A. M. S., A. Dinis, I. S. e Silva, C. Cruz & J. Pereira (2002a). A estação arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001, *Portugália*, n. série, nº 23, Porto, pp. 185 – 198.

BETTENCOURT, A. M. S., A. Dinis, I. S. e Silva, C. Cruz, J. Pereira & J. Martins (2002b). A estação arqueológica dos Penedos Grandes, Arcos de Valdevez (Norte de Portugal): notícia preliminar, *Portugália*, n. série, nº 23, Porto, pp. 199 – 215.

BETTENCOURT, A. M. S., A. Dinis, A. Silva, A. M. Veiga, E. Ribeiro, H. Cardoso, L. Vilas Boas & M. J. Amorim (2004). A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal), *Portugália*, n. série, nº 25, Porto, pp. 87 – 109.

BETTENCOURT, A. M. S., A. Rodrigues, I. S. Silva, C. S. Cruz. & A. Dinis (2005). The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*, 7, pp. 157 – 175.

BETTENCOURT, A. M. S. *et alii* (2007). A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004*, Universidade do Algarve, pp. 149 – 164.

BRADLEY, R., P. M. Santos & M. J. Sanches (1998). Land-marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes (Portugal), *ANTROPOlógicas*, 2, Porto, Ed. Fernando Pessoa.

CALADO, M. (1993). A Idade do Bronze, J. Medina (dir.), *História de Portugal. O Mundo Luso-Romano*, Ed. Ediclube. vol. 2, pp. 327 – 353.

CANO PAN, J. (1989). Xacementos de Portecelo (O Rosal) e de Fiales (Oia, Pontevedra), *Arqueoloxía/Informes.Campaña 1987*, 1, pp. 20 – 24.

CANO PAN, J. & J. M. Vázquez Varela (1988). Portecelo, un yacimiento de la edad del bronce, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, pp. 181 – 187.

CANO PAN, J. & J. M. Vázquez Varela (1991a). El aprovechamiento del mar en los castros costeros de Lugo (Galicia), *Paleocologia e Arqueologia II*, F. Queiroga & A. Dinis (ed.), Vila Nova de Famalicão, pp. 71 – 75.

CANO PAN, J. & J. M. Vázquez Varela (1991b). La economía de un yacimiento del comienzo del Bronce Final: Portecelo (O Rosal, Pontevedra), *Paleocologia e Arqueologia II*, F. Queiroga & A. Dinis (ed.), Vila Nova de Famalicão, pp. 205 – 208.

- CHÃO ÁLVAREZ, F. J. & I. A. Álvarez Merayo (2000). A Madorra da Granxa: o túmulo máis grande de Galicia? *Brigantium*, vol.12, pp. 41-63.
- CRIADO BOADO, F., R. Fábregas Valcarce & M. Santos Estévez (2001). Paysaje y representación en la Edad del Bronce: la descodificación del arte rupestre gallego, in M. Ruiz-Gálvez Priego (coord.) *La Edad del Bronce, primera edad de oro de España? Sociedad, economía e ideología*, Barcelona, Crítica/Arqueología, pp. 291 – 320.
- CRUZ, D. J. (1992) A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (serra da Aboboreira), Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- CRUZ, D. J. (1995). Cronologia dos monumentos com “tumulus” do Noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 81-119.
- CRUZ, D. J. (1998). Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (Vº a IIº milénios A.C.), *Estudos Pré-Históricos*, 6, pp. 149-166.
- CRUZ, D. J., L. F. Gomes & P. Carvalho (1998). Monumento 2 da serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação, *A Pré-História na Beira Interior (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu, pp. 1 – 21.
- CUNHA, A. L. (1995). Anta da Arquinha da Moura (Tondela), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3), Porto, pp. 133 – 151.
- FÁBREGAS VALCARCE, (1995). La realidad funeraria en el Noroeste del neolítico a la edad del bronce, in R. Fábregas Valcarce et alii (eds.). *Arqueología da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medioevo*, Xinzo de Limia, pp. 95 – 125.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. 2001. *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Vigo: Ed. Instituto de Estudios Vigueses.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & M. Ruiz-Gálvez Priego (1994). Ambitos funerario y doméstico en la prehistoria del no de la Península Ibérica, *Zephyrus*, 45, Salamanca, pp. 143 – 159.
- FÁBREGAS VALCARCE, R & M. Ruíz-Gálvez Priego (1997). El Noroeste de la Península Ibérica en el IIIº y IIº milénios AC: propuestas para una síntesis, *Sagvntvm*, 30, pp. 191 – 216.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & R. Bradley (1995). El silencio de las fuentes: prácticas funerarias en la edad del bronce del Noroeste y su contexto europeo, *Complutum*, 6, pp. 153 – 166.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & X. Vilaseco Vázquez (1998). Prácticas funerarias no Bronce do Noroeste, in Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronce en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminario de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 191 – 220.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & G. Meijide Cameselle (2000). Prehistoria recente en Galicia. Evolución ou ruptura? *Pré-História Recente da Península Ibérica, Actas do 3º Congreso de Arqueología Peninsular*, vol. 4, p.65 – 77.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. et alii (2009). Novos resultados das intervencións arqueolóxicas no sur licence. Os xacementos paleolíticos da depression de Monforte (Monforte de Lemos), Cova Eirós (Triacastela) e Valdavara (Becerreá), *Gallaecia*, 28, pp. 9 – 32.

- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. (2000). *Los macromamíferos en los yacimientos arqueológicos del Noroeste peninsular: un estudio económico*, Tesis Doctorales de la Universidad de Santiago de Compostela.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. & Lucía Pérez Ortiz (2007). Caza y domesticación en el Noroeste de la Península Ibérica durante la Prehistoria. Datos arqueozoológicos, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004, Ed. Universidade do Algarve*.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. et alii (1996). Primeros datos cronológicos y paleontológicos del yacimiento de Pala da Vella (Biobra-Ourense), in P. Ramil Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.). *Biogeografía Pleistocena - Holocena de la Península Ibérica*. Xunta de Galicia. Santiago, pp. 249-260.
- FIGUEIRAL, I. (1990). *Le nord-ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bronze final à l'époque romaine, d'après l'anthracanalyse de sites archéologiques*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Montpellier II (Policopiada).
- FIGUEIRAL, I. (2000). O povoado da Sola (Braga): o contributo da antracologia, in A. M. S. Bettencourt *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga, pp. 71 – 76.
- FIGUEIRAL, I. & A. M. S. Bettencourt (2004). Midle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and co-occurrence of Quercus (deciduous)–Fabaceae, in *Vegetation History and Archaeobotanic*, nº 13, Berlim, pp. 219 – 232.
- FIGUEIRAL, I. & A. M. S. Bettencourt (2007) Estratégias de exploração do espaço no Entre Douro e Minho desde os finais do IV aos meados do I milénios AC, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004, Universidade do Algarve*, pp. 177- 187.
- FORTES, J. (1906). A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre), *Portugália*. 2, p. 241 – 252.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (2006). Funerary ideology and social inequality in the Late Prehistory of the Iberian South-West (c. 3300 – 850 cal BC) in P. Díaz-de-Río & L. García Sanjuán (ed.) *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*, BAR International Series 1525, pp. 149 – 170.
- GOMES, M. V. (1994). *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves*, Xelb – 2.
- GOMES, M. V. (1995). A Idade do Bronze no Algarve, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, p. 130.
- HARPSOE, C. H. & M. F. Ramos (1985). “Lorga de Dine” (Vinhais, Bragança). *Arqueologia*. 12, p. 202 – 204.
- HARRISON, R. J (2004). *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*, Londres, 360p.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002/2003). Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la proto-historia peninsular, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología*, Madrid, pp. 81 – 118.

- JORGE, S. O. (1980). A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portugália*, nova série 1, pp. 29 – 50.
- JORGE, S. O. (1983). Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia*, 8, pp. 55 – 56.
- JORGE, S. O. (1986). *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves-Vª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, Ed. Fac. Letras da Univ. do Porto, 3 vol.
- JORGE, S. O. (1988). Reflexões sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, pp. 85 – 112.
- JORGE, S. O. (1990). Complexificação das sociedades e a sua inserção numa vasta rede de intercâmbios, in J. Serrão & A. O. Marques (dir.) *Nova História de Portugal*, vol. I, J. Alarcão (coord.), *Portugal das Origens à Romanização* Lisboa, Ed. Presença, pp. 213 – 251.
- JORGE, S. O. (1996). Regional diversity in the Iberian bronze age - on the visibility and opacity of the archaeological record, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 36, Porto, pp. 193 – 214.
- JORGE, S. O. (1999). Bronze Age stelai and menhirs of the Iberian Península: discourses of power, *Gods and Heroes of the Bronze Age, Europe of times of Ulisses*, Londres, Ed. Thames and Hudson, pp. 114-122.
- JORGE, S. O. & V. O. Jorge (2006). Agricultores e pastores fixados no território. Do Neolítico Médio ao Bronze Médio, in C. A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, pp. 106 – 163.
- JORGE, V. O (1980). Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália*, nov. série, 1, pp. 9 – 28.
- JORGE, V. O (1982). *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto – Policopiada.
- JORGE, V. O. (2003). *A Irrequietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*, Porto, Ed. Afrontamento (capítulos 2, 3 e 5 - Parte II).
- MARTINS, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 5, Braga
- MATALOTO, R. (2004). *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*, Lisboa, Ed. Trabalhos de Arqueologia –37, IPA.
- MEIRELES, J. (1992). *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, Braga
- MORENO ARRASTIO, F. (1998). Sobre la obviedad, las estelas decoradas y sus agrupaciones, *Gérion*, 16, Madrid, pp. 49 – 84.
- PARREIRA, R. (1995). Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior, in I. Silva e C. Mineiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa, IPM, pp. 131 – 134.
- PARREIRA, R. (1998). As arquitecturas como factor da construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo interior, in S. O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Trabalhos de Arqueologia – 10, Lisboa, IPA, pp. 267 – 273.
- PAVÓN SOLDEVILLA, I. (1998). *El tránsito del II al I milénio a.C. e las cuencas medias de los rios Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*, Cáceres, Universidad de Extremadura.

- RAMIL REGO, P. (1993). Evolución climática e historia de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico, in A. Pérez Alberti; L. Guitián Rivera & P. Ramil-Rego (eds.). *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos*, Ed. Xunta de Galicia, pp. 25 – 60.
- RAMIL REGO, P.; A. Dopazo Martínez & C. Fernández Rodríguez (1996). Cambios en las estrategias de explotación de los recursos vegetales en el Norte de la Península Ibérica, *Férvedes*, 3, Lugo, pp. 169 – 187.
- RAMIL REGO, P.; M. T. Taboada Castro; F. Díaz-Fierros Viquera & M. J. Aira Rodríguez (1996). Modificación de la cubierta vegetal y acción antropica en la región del Minho (Norte de Portugal) durante el Holoceno, in P. Ramil-Rego, C. Fernández Rodríguez & M. Rodríguez Guitián (coord.). *Biogeografía Pleistocena - Holocena de la Península Ibérica*, Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 199 – 214.
- RINCÓN, M. A. (2005). El Calcolítico y la Edad del Bronce, in I. Barandiarán *et alii* *Prehistoria de la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel Prehistoria, pp. 219 – 343.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1987). Bronce Atlántico y "cultura" del Bronce atlántico en la península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 44, Madrid, pp. 251 – 266.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1990). Canciones del muchacho viajero, *Veleia*, 7, pp. 79 – 103.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1991). Songs of a wayfaring lad. Late Bronze Age Atlantic exchange and the building of the regional identity in the west Iberian Peninsula, *Oxford Journal of Archaeology*, 10 (3), Oxford, pp. 277 – 306.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995). El noroeste de la Península Ibérica en el contexto de la prehistoria reciente de Europa Occidental, *Actas del Congreso Nacional de Arqueología* (Vigo 1993), 1, pp. 11 - 16.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998). *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a las raíces de la Europa occidental*, Barcelona, Ed. Crítica/Arqueología.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M & E. Galán Domingo (1991). Las estelas del suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales, *Trabajos de Prehistoria*, 48, Madrid, pp. 257 – 273.
- SANCHES, M. J. (1995). Alabardas de tipo Carrapatas, in I. Isabel Cordeiro *et alii* (coord.). *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa, pp. 29-30.
- SANCHES, M. J., S. Nunes & D. Pinto (2007). *Trás-os-Montes* (Norte de Portugal) – as gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro, in S. O. Jorge, A. M. S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004*, Ed. Universidade do Algarve.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993). A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão, *Trabalhos de Arqueologia da E. A. M.*, 1, Lisboa, pp. 55 – 75.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995). The late prehistory of Central Portugal: a first diachronic view, K. Lillios (ed.) *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, Ed. International Monographs in Prehistory, Michigan, pp. 64 – 94.
- SENNA-MARTINEZ, J. C., Elin Figueiredo, M. Fátima Araújo, José M. Q. Ventura & Helder Carvalho (no prelo). "Melting the Power". The foundry area of Fraga dos Corvos- Hut 4 (Macedo de Cavaleiros, North-eastern Portugal), in A. Bettencourt *et alii* (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and*

Identity in prehistoric and protohistoric Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006.

SILVA, A. C. F. & M. V. Gomes (1993). *Proto-História de Portugal*, Ed. Universidade Aberta - 57, Lisboa.

SILVA, C. T. & J. Soares (1981). *Pré-História da área de Sines*, Lisboa, Ed. Gabinete da Área de Sines.

SOARES, A. M. (2005). Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1), Lisboa, IPA, pp. 111 – 145.

SUÁREZ OTERO, J. (1993). O Fixón: una nueva perspectiva del bronce inicial en Galicia, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología .Vigo*, Vigo, 2, pp. 57 – 67.

SUÁREZ OTERO, J. (1998). Cerâmicas e cultura na Idade do Bronze en Galicia, in R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia: Novas Perspectivas*, Ed. Cadernos do Seminário de Sargadelos - 77, Corunha, pp. 81 – 103.

VAZQUEZ VARELA, J. M. (1980). Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*. 0, P. 23 – 40.

VILAÇA, Raquel (2007). *Depósitos de Bronze no Território Português – Um Debate em Aberto*, Conímbriga – Anexos 5, Coimbra.

VILHENA, J. (2006). *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2º e 1º milénios A.C.*, 2 vol., Dissertação de mestrado apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Lisboa – policopiada.